

# ALLIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS - SETEMBRO DE 1996



# A LIAHONA

SETEMBRO DE 1996



## Na capa:

**1ª Capa:** *Visão da Árvore da Vida*, 1983, de Robin Luch Griego, West Valley, Utah, Estados Unidos; vidro e grafite (167 x 121 x 31 cm). As cores brilhantes de uma árvore viva contrastam com o acinzentado de um mundo sombrio e obscuro nesta representação da visão de Leí, um profeta do Livro de Mórmon. Sob a árvore, Leí dá alguns frutos da árvore a sua esposa, Saria. Ao fundo, três mulheres, representando os filhos de Deus, apegam-se à barra de ferro na luta para alcançar a árvore. Ver "A Árvore da Vida", p. 34. (Fotografia de Ronald Read, Museu de História e Arte da Igreja.) **4ª capa:** *O Sonho de Leí*, 1995, de Lourdes Samson, Bataan, Filipinas; linha em tecido (114 x 76 cm). Leí e Néfi são vistos com o "Espírito do Senhor". (Ver 1 Néfi 8:5-6; 11:11.) (Fotografia de R. T. Clark, Museu de História e Arte da Igreja.)

## Capa da Seção Infantil:

Os dias de verão são bem longos e os dias de inverno, bem curtos na Islândia, onde Brynjólfur Ólafsson (direita) e seu irmão, Matthías, vivem com os pais e a irmã. Mas sejam os dias longos ou curtos, há sempre tempo para o evangelho e para as atividades da Igreja. Ver *Fazendo Amigos*, p. 14. (Fotografia de Janet Thomas.)

## DESTAQUES

<b>MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "DEVE SIÃO FUGIR À LUTA?"</b> PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY .....	2
<b>O IRMÃO DE JAREDE: UM MESTRE DO APRENDIZADO</b> ÉLDER HENRY B. EYRING .....	16
<b>O QUE APRENDI A RESPEITO DE SERVIR A MINHA MULHER</b> GARY L. GRAY .....	22
<b>PREPARAR-SE PARA ENSINAR</b> RAY L. LARSEN .....	26
<b>O TESTE DO PAPAÍ</b> CAROLEE H. SMITH .....	31
<b>A ÁRVORE DA VIDA: O SONHO DE LEÍ — UMA VISÃO DE MUITOS</b> .....	34
<b>ESCRITURA RESPLANDECENTE</b> LELA BARTLETT COONS .....	48

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

<b>AUXILIARES DA OLIMPÍADA ESPECIAL</b> LAURY LIVSEY .....	12
<b>USO DE LINGUAGEM INADEQUADA</b> ÉLDER ROBERT K. DELLENBACH .....	28
<b>O INIMIGO NA SARJETA</b> JOHN BYTHEWAY .....	32
<b>JOSÉ, FILHO DE JOSÉ</b> J. TODD MARTIN E LISA A. JOHNSON .....	42
<b>MEDIDAS</b> LLOYD NEWELL .....	46

## DEPARTAMENTOS

<b>COMENTÁRIOS</b> .....	1
<b>MENSAGEM MÓRMON: A MINHA PAZ VOS DOU</b> .....	11
<b>MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: HERDEIRAS DE ACORDO COM O CONVÊNIO</b> .....	25

## SEÇÃO INFANTIL

<b>FOGO NA MONTANHA</b> LLOYD H. PARRY .....	2
<b>HINO: SEREI VALOROSO</b> VANJA Y. WATKINS .....	5
<b>DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER JAY E. JENSEN</b> .....	6
<b>TEMPO DE COMPARTILHAR: RESPEITO PELA CRIAÇÃO</b> KAREN ASHTON .....	8
<b>SÓ PARA DIVERTIR</b> .....	10
<b>FICÇÃO: TRILHAS</b> TERRI STINES .....	11
<b>FAZER AMIGOS: BRYNJÓLFUR VÍDIR ÓLAFSSON DE HAFNARFJÖRDUR, ISLÂNDIA</b> DEANNE WALKER .....	14

Res  
BOOK AREA  
M205.5  
L694POR  
Sept.  
1996

SETEMBRO DE 1996, Vol. 20, nº 9  
A LIAHONA, 96989 059 - São Paulo - Brasil  
Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.  
**A Primeira Presidência:**  
Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust  
**Quórum dos Doze:**  
Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.  
**Editor:** Jack H. Goaslind  
**Consultores:** Spencer J. Condie, L. Lionel Kendrick  
**Administradores do Departamento de Currículo:**  
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton  
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly  
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg  
**Equipe Editorial:**  
Editor Gerente: Marvin K. Gardner  
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson  
Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker  
Assistente Editorial: Jenifer Greenwood  
Coordenadora Editorial e de Produção: MaryAnn Martindale  
Assistente de Publicação: Beth Dayley  
**Equipe de Diagramação:**  
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki  
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen  
Diagramação: Sharrri Cook  
Diretora de Produção: Jane Ann Peters  
Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby, Matthew H. Maxwell  
**Equipe de Assinaturas:**  
Diretor: Kay W. Briggs  
Diretor de Distribuição: Kris Christensen  
Gerentes: Joyce Hansen  
**A Liahona:**  
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance  
Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)  
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato  
Assinaturas: Loacir Severo Nunes  
REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.  
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:  
**Departamento de Assinaturas,**  
Caixa Postal 26023  
05599-970 - São Paulo, SP.  
Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 15,00; para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: R\$ 1,50.  
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.  
**A LIAHONA** - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930.  
Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.  
**Redação e Administração:** Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 818-0433.  
The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9,00 a year. \$1,00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.  
Printed in Brazil  
POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

MINHA LEITURA PREDILETA

Somos abençoados por termos, além das escrituras, as revistas da Igreja, por meio das quais recebemos conselhos das Autoridades Gerais e partilhamos dos testemunhos de nossos irmãos e irmãs.

Minha leitura predileta na revista é a Mensagem da Primeira Presidência, lembrete constante de que devemos ser santos dos últimos dias retos. Seguindo esses ensinamentos, podemos esquivar-nos das armadilhas de Satanás, evitar as manchas do mundo e ser dignos de retornar à presença de nosso Pai Celestial.

Hsu, Hui-wen,  
Ramo de Macau,  
Estaca Hong Kong Kowloon Oeste

SERVIR AO SENHOR

A Mensagem da Primeira Presidência de novembro de 1995, do Presidente James E. Faust, "Servir ao Senhor e Resistir ao Diabo", é inspirada.

Como disse o Presidente Faust, se dedicarmos a vida ao serviço do Senhor, podemos melhorar nossa própria vida e a de outras pessoas.

Daniela Martins Alves Pereira,  
Tubarão, Santa Catarina, Brasil

REVISTA MISSIONÁRIA

Estou servindo na Missão Venezuela Barcelona e os artigos da Liahona (espanhol) ajudam minha companheira e eu a ensinar pesquisadores. Por exemplo, uma mãe jovem, ouvindo as palestras sobre a

restauração do evangelho, prestou testemunho de que o Presidente Gordon B. Hinckley é um profeta de Deus. Afirmou que recebeu esse testemunho ao ler uma Mensagem da Primeira Presidência do Presidente Hinckley, na Liahona.

Sister Lenna Chirimo,  
Missão Venezuela Barcelona

UM LENÇO NA MÃO

Os artigos de *Seito no Michi* (japonês) comovem-me tanto que não posso ler a revista sem ter um lenço na mão para secar as lágrimas.

Massaru Fukuoka,  
Ramo de Ogaki,  
Estaca Nagoya Japão Oeste

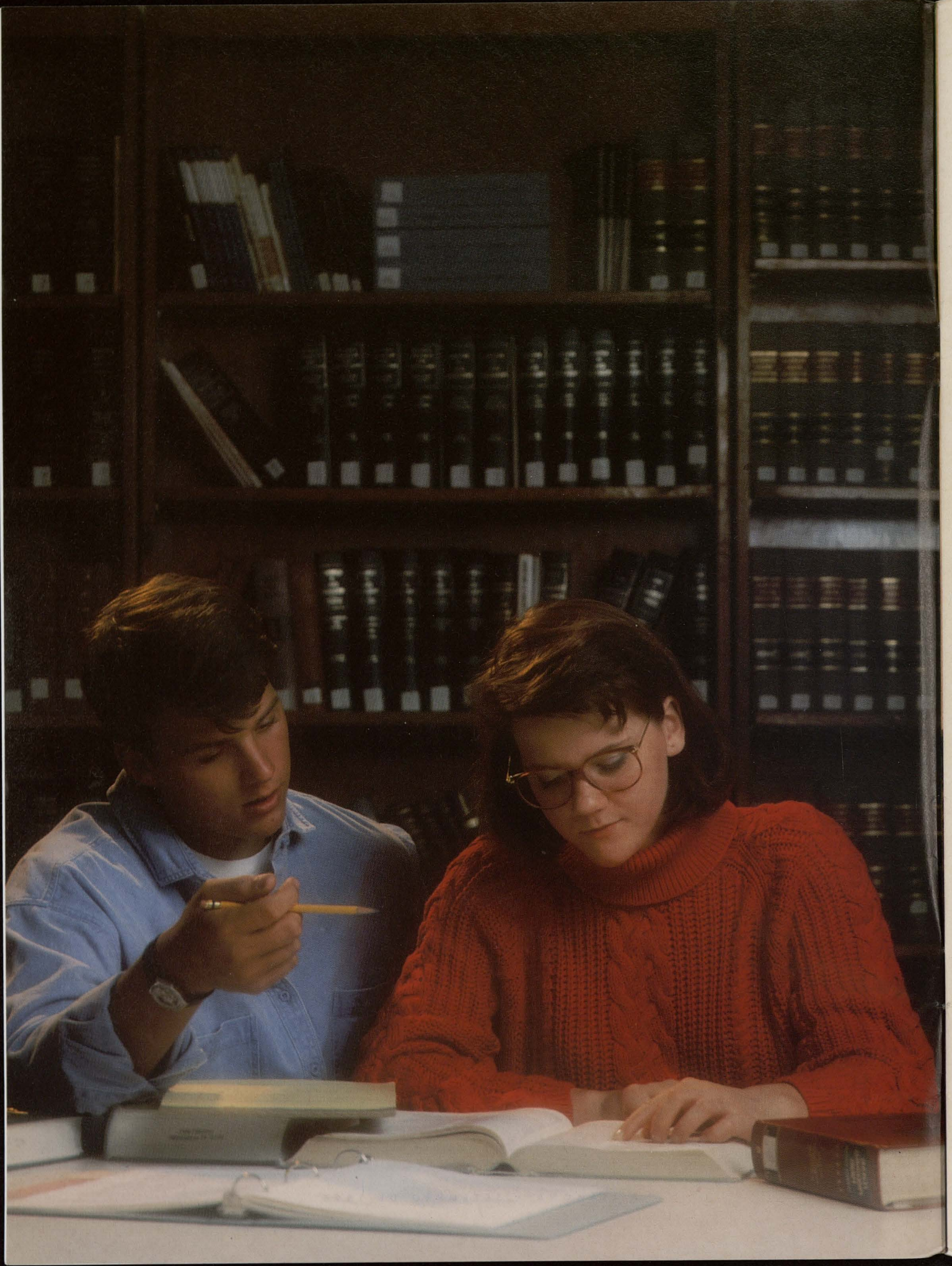
MUITAS BÊNÇÃOS

Ao ler um artigo de outubro de 1995, "Quando Se Deseja", senti uma coisa linda. Sou muito grata à autora, Geri Christensen, por falar de suas experiências e lembrar-me de minhas inúmeras bênçãos.

Ana Eluvia Lima Orellana,  
Ala Quinta Samoyoa,  
Estaca Cidade da Guatemala Utatlán

NOTA DO REDATOR

Convidamos os leitores a enviar-nos suas cartas, artigos e histórias. O idioma não é obstáculo. Inclua seu nome completo, endereço, ala e estaca (ramo e distrito). Nosso endereço é International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.



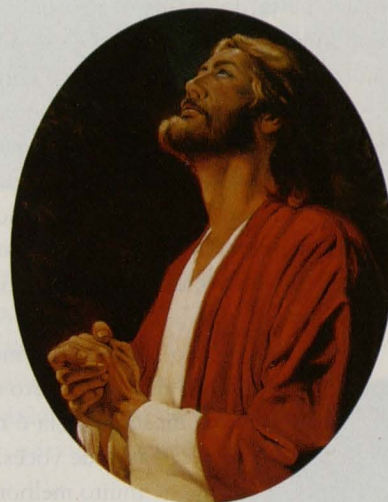
## “DEVE SIÃO FUGIR À LUTA?”

*O seguinte discurso, originalmente dirigido a jovens adultos, foi proferido no serão do instituto de religião que abrange todo o Vale de Salt Lake, em 21 de janeiro de 1996, no Tabernáculo, na Praça do Templo, e está sendo publicado aqui por aplicar-se a todos os membros da Igreja.*

**Presidente Gordon B. Hinckley**

**M**eus jovens amigos, falar a vocês hoje é uma oportunidade maravilhosa e um grande desafio. Vocês são jovens brilhantes e competentes. São o tipo de gente que pensa, que deseja respostas para as perguntas, e reuniram-se aqui hoje em busca de soluções para seus problemas e inspiração para guiá-los. Oro pela orientação do Espírito.

Sinto-me honrado com sua presença. Vocês representam uma notável geração na história do mundo e na história desta Igreja. Em termos de Igreja, sinto que vocês são parte da mais notável geração que jamais tivemos. Vocês têm mais instrução, fizeram seminário e estão agora participando do programa do instituto de religião. Numa época em que a maioria dos jovens não ora, vocês oram. Oram por compreensão e esclarecimento. Oram a respeito de seus estudos e do rumo de sua vida. Oram sobre o casamento, oram para



O SENHOR EM ORAÇÃO,  
DE LOWELL BRUCE BENNETT

**O Senhor deseja  
que aprendam tanto as  
coisas materiais como as  
espirituais. Não sei de  
nenhum outro povo nem  
de qualquer outro siste-  
ma teológico que inclu-  
a [esta] ordem dada  
por Deus.**

encontrar um bom cônjuge e para irem à casa do Senhor a fim de serem selados em matrimônio sob a autoridade do santo sacerdócio. Vocês oram para ter sucesso em seus estudos e em outros interesses de sua vida.

Quase todos vocês desejam agir corretamente. E, na maior parte dos casos, é isso que estão fazendo. Estão tentando manter-se afastados das manchas corrosivas do mundo. Não é fácil. O desafio é constante.

Cada um de vocês representa uma história de sucesso. Para alguns, contudo, existem capítulos que falam de fracassos, fracassos que tentam vencer e que, certamente, podem ser vencidos. Independentemente do que tenha acontecido no passado, existe uma forma de começar de novo, e incentivamo-los a discutir isso com seu bispo.

Vocês são uma parte muito importante da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ela é muito mais forte por causa de vocês. E a vida de vocês é muito melhor por causa dela!

Sinto um enorme entusiasmo por esta obra. Ela está crescendo de uma forma assombrosa e maravilhosa. Está-se espalhando pela Terra de maneira milagrosa. Cinquenta anos atrás, aproximadamente a metade dos membros da Igreja morava em Utah. Hoje, apenas 17 por cento vive em Utah e, contudo, temos mais santos dos últimos dias em Utah do que jamais tivemos. A obra enraizou-se em mais de 150 nações, territórios e entidades políticas.

Alguns dos presentes serviram como missionários em

terras que, apenas alguns anos atrás, estavam fechadas para nós. O Senhor está abrindo o caminho. As coisas estão acontecendo. Estamos sendo reconhecidos por nossos padrões. Um milhão de membros novos une-se às fileiras da Igreja a cada três anos e meio.

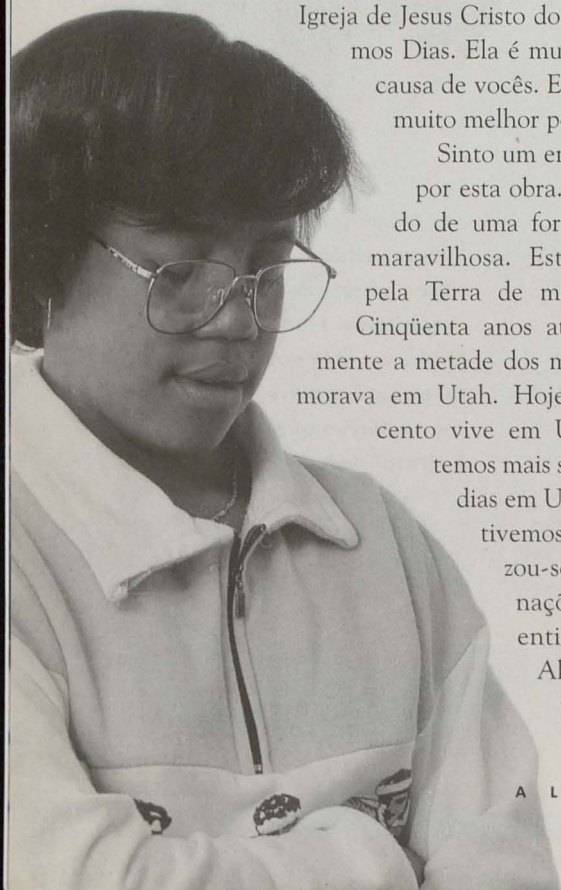
O quadro nunca pareceu mais resplendente. As oportunidades nunca foram maiores. Esta é uma época maravilhosa na história da obra do Senhor. Nós estamos no palco, vocês e eu, nesta época gloriosa. Temos tanto a fazer, tanto a fazer para levarmos avante a obra do Senhor rumo ao maravilhoso destino que Ele delineou para ela!

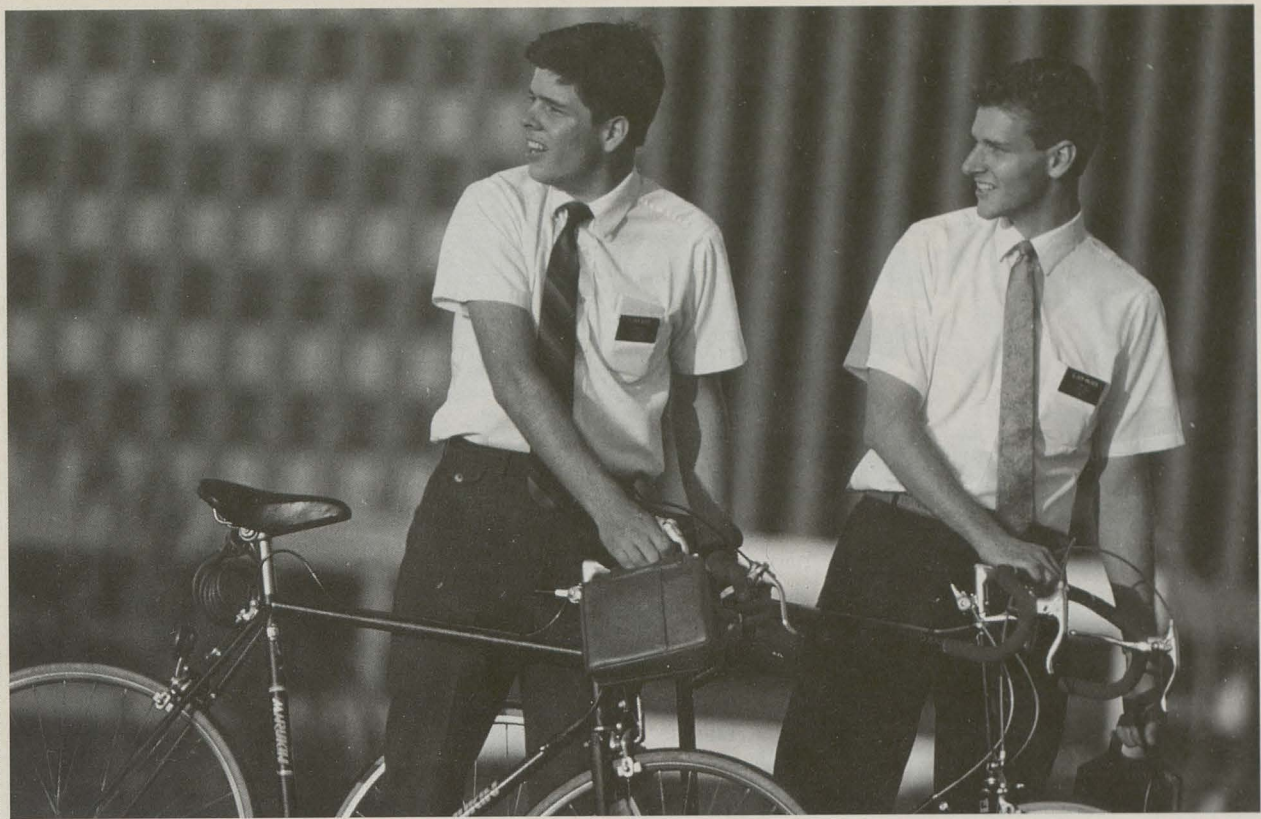
Eu tenho uma responsabilidade neste grandioso empreendimento. O mesmo acontece com meus companheiros entre as Autoridades Gerais da Igreja. Todo presidente de estaca, todo bispo, todo presidente de quórum, cada presidente de distrito ou de ramo tem a responsabilidade de contribuir para o crescimento da obra e a edificação do reino.

Ninguém tem uma responsabilidade mais premente do que vocês. Vocês são jovens. Têm energia. Têm convicções interiores. Têm companheiros com quem podem trabalhar e companheiros a quem podem ajudar.

Como alguns de vocês sabem, Mike Wallace, correspondente sênior do programa da CBS, *60 Minutes*, entrevistou-me recentemente. Consentiu nessa entrevista apenas com a esperança de que algum bem dela resultasse para a Igreja. Ele me fez muitas perguntas durante muitas horas; a mim me parecia que eram centenas de perguntas. Entre elas, perguntou-me: "Sua igreja está crescendo em muitas partes do mundo. Como explica isso?"

Respondi mais ou menos assim: "Esta obra se levanta como uma âncora de estabilidade, uma âncora de valores, num mundo cujos valores estão sendo modificados. Nós representamos alguma coisa. Nossos valores encontram suas raízes nos ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo. Esses não mudam. São hoje os mesmos





**A Igreja precisa de cada um de vocês. Ela precisa de sua força. Precisa de sua energia. Precisa de seu entusiasmo. Precisa de sua lealdade, devoção e fé.**

de quando Jesus esteve na Terra. Têm hoje o mesmo valor que anteriormente. Foram testados no fogo da história da humanidade e provaram que não precisam ser melhorados. Esperamos grandes coisas de nosso povo. Esta religião é exigente. Requer autodisciplina. Requer estudo, coragem e fé. As pessoas reagem bem a isso, quando sentem que o chão lhes foge dos pés devido às incertezas de um mundo de valores cambiantes”.

Esta noite, queridos amigos, faça-lhes um convite e um desafio. Convido-os a trilharem comigo o caminho da fé. Desafio-os a defenderem o que é certo, verdadeiro e bom.

A Igreja precisa de cada um de vocês. Precisa de sua força. Precisa de sua energia. Precisa de seu entusiasmo. Precisa de sua lealdade, devoção e fé.

Não importa qual tenha sido a sua maneira de agir no passado, ofereço-lhes a oportunidade de harmonizarem sua vida com os ensinamentos do evangelho, de olharem para esta Igreja com amor, respeito e apreço, como o alicerce de sua fé, a viverem como um exemplo

do que o evangelho de Jesus Cristo pode fazer pela felicidade de uma pessoa.

Preciso lembrar-lhes que não será fácil. Há tempestades rodeando-os. Há uma exploração astuta do sexo e da violência na televisão, nas fitas de vídeo, nas revistas pornográficas, nos serviços telefônicos e até na Internet.

O pedido que lhes faço, caros companheiros nesta obra, é que se afastem dessas coisas. Vocês podem desligar a televisão. Podem evitar como uma praga a locação ou compra de fitas de vídeo destinadas a cativá-los e guiá-los rumo a caminhos indesejáveis. Somente o produtor lucra com tais coisas; jamais quem aluga ou compra esse tipo de material. Vocês não têm que ler qualquer tipo de literatura obscena. Ela não irá ajudá-los, mas apenas prejudicá-los.

Anos atrás eu era responsável por nosso trabalho na Ásia. Visitei Okinawa muitas vezes, quando um grande número de soldados americanos servia lá. Alguns deles tinham carro, e observei que a maioria daqueles carros estava muito enferrujada. Havia buracos nos pára-lamas. Havia buracos nas laterais. A pintura que restava tinha perdido o brilho. Tudo aquilo resultava do sal corrosivo do oceano, que era carregado pelo vento e que consumia o metal.

É assim que atua a pornografia. Essa sujeira indecente é como o sal corrosivo. Atravessará a sua armadura, caso se exponham a ela.

Por mais que eu enfatize isso, ainda não será suficiente. Os produtores e divulgadores de toda essa sujeira aumentam sua riqueza, ao mesmo tempo que diminuem o caráter de seus fregueses. Afastem-se de tudo isso. Coloquem-se acima dessas coisas. Elas se transformam em vício e destroem os que a elas se escravizam.

Não lhes peço que sejam santarrões. Peço-lhes apenas que escolham o certo. Os membros da equipe de Mike Wallace conversaram com alguns alunos como vocês, quando estiveram aqui. Eram rapazes e moças. Os repórteres contaram-me que os estudantes afirmaram ser fácil recusar um cigarro. Não viam problema em recusar uma cerveja. Os limites a respeito dessas coisas eram claros. Sexo, porém, era uma história diferente. Era mais difícil estabelecer os limites.

Eu respondi: "Esses jovens conhecem os limites. Não precisam definir isso em detalhes clínicos. Eles sabem quando estão pisando em terreno escorregadio".

Meus jovens amigos, é tudo uma questão de autodisciplina. Naturalmente vocês sabem o que é certo e o que é errado. Foram treinados desde a infância nesses assuntos. Quando perceberem que estão escorregando na direção de uma coisa errada, talvez seja difícil parar e dar meia-volta. Mas não é impossível. Já foi feito por milhares e milhares, por milhões de jovens como vocês, que sentiram os mesmos apelos emocionais que vocês enfrentam.

O Senhor disse: "Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente". (D&C 121:45)

Isso é um mandamento. Ele repetiu essa admoestação de inúmeras formas. Não podemos violar esse mandamento sem pagar um preço, às vezes um preço terrível. Por outro lado, se exercitarmos a autodisciplina, usando o poder de nossa vontade individual acompanhado

de um apelo ao Espírito do Senhor, o resultado será a felicidade.

Ouvi o Élder John A. Widtsoe, que numa determinada época presidiu a Universidade de Utah, dizer: "Tenho observado que um rapaz e uma moça que violam os princípios da moralidade logo passam a odiar-se". Tenho observado a mesma coisa. No início, fazem juras de amor, mas depois trocam palavras de raiva e amargor.

Algumas moças acham que seria uma coisa maravilhosa ter um filho fora do casamento. Quero dizer-lhes que esse é um conceito falso. Vocês não têm idéia das conseqüências intermináveis e eternas de tal passo. Trazer uma nova vida ao mundo é um assunto sério e acarreta uma responsabilidade contínua e incansável.

O casamento é ordenado por Deus, o casamento entre homem e mulher. É a instituição que Ele designou para receber Seus filhos no mundo. As relações sexuais, em qualquer outra circunstância, transformam-se em transgressão e estão em total desarmonia com os ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo.

Enquanto falo sobre este assunto, gostaria de esclarecer que qualquer rapaz que solicita favores sexuais de uma jovem que ele esteja namorando, afirmando que a ama, está dizendo, com muita veemência, que não a ama. Isso é uma demonstração de lascívia e não de amor.

Naturalmente, incentivamo-los a namorar. Desejamos que tenham uma vida social. É importante que sigam o processo que leva a um casamento saudável na casa do Senhor. Mas, nesse processo, é preciso que estabeleçam os limites que não podem ser ultrapassados.

Foi Sir Galahad quem disse: "Minha força é a força de dez, / Porque meu coração é puro". (Alfred, Lord Tennyson, "Sir Galahad")

E a força resultante da virtude é a força necessária para vocês fazerem parte do grande exército daqueles que amam o Senhor e desejam levar avante Sua gloriosa obra.

Desejo falar sobre um assunto relacionado, que é o uso de linguagem grosseira, rude e suja. Existe tanto disso! O



**O casamento é ordenado por Deus, o casamento entre homem e mulher. É a instituição que Ele designou para receber Seus filhos no mundo. As relações sexuais, em qualquer outra circunstância, transformam-se em transgressão.**

dedo do Senhor escreveu nas táboas de pedra: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão”. (Êxodo 20:7)

As pessoas que recorrem aos palavrões e a um linguajar obsceno estão apenas fazendo publicidade da pobreza de seu vocabulário e da sua incapacidade de expressão. Exorto-os, queridos amigos, a manterem a santidade do nome de nosso Pai Eterno e de Seu Filho Amado, o Redentor do mundo. Como pode alguém que é membro desta Igreja, que foi batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e que participa do sacramento da ceia do Senhor, descer a ponto de profanar esses nomes sagrados? Como pode alguém que se considera filho ou filha de Deus descer a ponto de usar linguagem obscena a respeito do corpo que é feito à imagem de Deus e que, como Ele declarou, é o templo do espírito?

Cultivem a arte da conversação. É um predicado maravilhoso. Para mim nada é mais agradável do que ouvir a conversa de um grupo de jovens esplêndidos e

felizes como vocês. Seu diálogo é inteligente. É cintilante, é vivo e pontilhado de risadas mesmo quando tratam de assuntos sérios. Mas, repito, não é necessário, no decorrer de uma conversa, profanar o nome da Divindade ou usar expressões maliciosas e vulgares de qualquer tipo. E gostaria de acrescentar que existe humor suficiente no mundo sem recorrermos ao que chamamos de piadas sujas. Desafio-os a evitarem tudo isso. Durante a próxima semana, ao conversarem com amigos e colegas, vejam se conseguem fazê-lo sem proferir quaisquer palavras das quais se arrependam depois.

E já que estou falando de coisas que impedem seu progresso como santos dos últimos dias, desejo mencionar uma outra. É a atitude de crítica em relação à Igreja. Vocês são brilhantes, capazes e cultos. Aprenderam a pensar analiticamente, a explorar, a considerar vários aspectos de cada questão. Tudo isso é bom. Mas podem fazê-lo sem procurar falhas na Igreja ou em seus líderes. Mantenham um equilíbrio em seus estudos. Não digo isso por estar na defensiva. Muita gente me escreve e me diz coisas extremamente gentis, generosas e afáveis. Por outro lado, há gente que, evidentemente, não gosta absolutamente da Igreja e parece não gostar absolutamente de mim. Essa é uma prerrogativa deles. Não sinto

animosidade em relação a eles. Apenas sinto pena, porque sei qual será o resultado final.

Ocupei vários cargos nesta Igreja desde que fui chamado para servir na presidência de um quórum de diáconos, aos 12 anos. Durante os últimos 60 anos trabalhei no Edifício Administrativo da Igreja. Muito antes de me tornar Autoridade Geral, conheci os Presidentes da Igreja nesses anos, assim como outras Autoridades Gerais. Logo descobri que eram homens, imperfeitos em algumas coisas pequenas. Desejo dizer, porém, que senti serem eles os melhores homens que se poderiam encontrar no mundo. Eles também tiveram seus críticos, que falavam mal deles. Eles também tiveram que lidar com escritos e discursos de descontentes e apóstatas. Mas os nomes desses homens são lembrados com apreço, gratidão e respeito, enquanto que os nomes de seus críticos acabaram no esquecimento.

Quando eu era jovem e trabalhava no Edifício da Administração, o Presidente do Conselho dos Doze pediu-me, certa vez, que arranjasse um companheiro e entregasse uma notificação sobre um tribunal da Igreja a um homem que escrevera vários livros criticando a Igreja, livros de uma natureza fortemente apóstata. Ele pertencia a uma estaca da Califórnia, mas o presidente da estaca enviara os papéis para Salt Lake City, onde o homem residia na época.

Meu companheiro e eu, ambos élderes, fomos ao local onde ele estava morando. Anunciei-lhe o propósito de nossa visita. Ele convidou-nos a entrar e pediu-nos que nos sentássemos num lugar da sala que ficava afastado da porta. Ele ficou em pé junto à porta, de modo que não poderíamos sair até ele ter tempo de despejar sua ira sobre nós. As coisas que ele disse foram mesquinhas e maldosas. Suas palavras foram ameaçadoras. Felizmente não encostou a mão em nós. Nenhum de nós era muito grande. Tendo terminado nossa missão, dirigimo-nos para a porta e saímos.

Enquanto ele estava vivo, seus escritos foram lidos por muitos que compartilhavam suas idéias doutrinárias apóstatas. Foram lidos por muitos que aceitavam suas

acusações contra certas Autoridades Gerais. Ele estava errado em ambos os aspectos, mas alguns aceitaram seus escritos como verdadeiros.

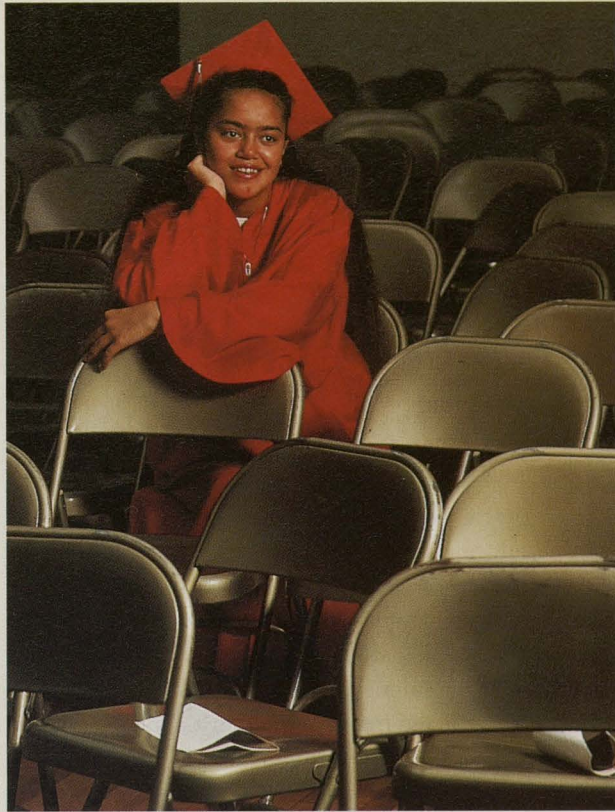
Mais tarde foi excomungado da Igreja, e isso só fez aumentar-lhe a ira. Em vez de reconhecer seus erros, ele ficou ainda mais enraivecido. E então, de repente ele desapareceu. As pessoas pareciam já não ter interesse nele. Ele morreu há muito tempo. Não sei de ninguém que se lembre dele. Até o companheiro que levei comigo quando lhe apresentei os papéis, morreu. Acho que sou o único que conheço que ainda se lembra do nome dele.

Temos algumas pessoas desse tipo hoje. Tivemos gente assim no passado e teremos no futuro. Eles gastam a vida tentando encontrar erros na Igreja. Peneiram sua história buscando qualquer coisinha negativa que possam encontrar. Examinam as palavras das Autoridades Gerais com o intuito de encontrar falhas. Eles poderão até conceder-me a duvidosa honra de examinar o que estou lhes dizendo esta noite. Lamento a forma como estão perdendo seu tempo. Meu coração volta-se para eles e gostaria de poder persuadi-los a mudarem seus caminhos, a alterarem sua visão e a voltarem para a Igreja, aplicando seus talentos para a edificação do reino, mas vejo neles pouca disposição para tal.

Suponho que estejam usufruindo seu dia ao sol, mas seu sol irá pôr-se e eles não serão lembrados de maneira positiva.

Lembro-lhes que esta obra não chegou a este maravilhoso nível atual levada pelos críticos. Foi levada avante por homens e mulheres de fé, que desempenharam uma parte, grande ou pequena, em sua expansão.

Desejo que vocês reflitam sobre as coisas, mas insisto que reflitam de maneira positiva e afirmativa a respeito da obra do Senhor. Esta causa da qual participam não é uma coisa comum. É, verdadeiramente, a Igreja e o reino de Deus na Terra. É a pedra que foi cortada da montanha, sem mãos, como Daniel a viu em sua visão, e que encheria toda a Terra. (Ver Daniel 2:44-45; D&C 65:2.) É aquilo de que falou João, o Revelador, quando



FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

**Espero que façam o melhor possível para se prepararem e contribuírem significativamente para a sociedade da qual se tornarão parte.**

disse: “E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo”. (Apocalipse 14:6)

Todas essas coisas negativas de que lhes falei são como sanguessugas em nosso corpo, fazendo-nos diminuir o passo na estrada da vida. Coloquemo-nos num plano superior. Aprendamos o evangelho. Vivamos o evangelho. Compartilhemos o evangelho.

“Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.” (Regras de Fé 1:13)

A Igreja é o grande reservatório da verdade eterna, do qual podemos beber constante e gratuitamente. É a preservadora de padrões, a mestra de valores. Agaiem-se a esses valores. Tenham-nos no coração; deixem que eles se tornem a estrela-guia de sua vida, conduzindo-os em sua caminhada neste mundo do qual irão tornar-se parte importante.

Felicito-os calorosamente por seus estudos. Incentivo-os a adquirirem toda a instrução que puderem. Vocês vivem numa sociedade terrivelmente competitiva. O

Senhor deseja que aprendam tanto as coisas materiais como as espirituais. Ele deu-lhes, por meio de revelação moderna, uma ordem imperativa: “E vos dou o mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros. (...) [e das] coisas dos céus como da Terra, e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão; coisas daqui, e de além-mar, quanto às guerras e perplexidades das nações, e quanto aos julgamentos que estão sobre a terra; e um conhecimento também de nações e reinos”. (D&C 88:77, 79)

Ao lerem essas palavras que lhes são familiares, elas parecem abranger todo o corpo de conhecimentos aos quais vocês foram expostos. Não sei de nenhum outro povo nem de qualquer outro sistema teológico que incluía uma ordem dada por Deus de adquirir conhecimento temporal assim como espiritual. Incentivo-os a serem diligentes em seus estudos. Esta é a sua grande oportunidade. Espero que façam o melhor possível para se prepararem e contribuírem significativamente para a sociedade da qual se tornarão parte.

Seu conhecimento, sua integridade, seus padrões de trabalho e honestidade na vida honrarão o nome desta Igreja, a Igreja do Senhor.

As pessoas às vezes me perguntam: “Qual o seu versículo predileto das escrituras?” Digo-lhes que tenho muitos, mas entre eles há um pelo qual sinto um amor especial. Encontra-se em Doutrina e Convênios 50 e diz o seguinte:

“E o que não edifica não é de Deus, e é treva.

O que é de Deus é luz; e aquele que recebe a luz e persevera em Deus recebe mais luz, e essa luz se torna mais e mais brilhante até o dia perfeito.” (D&C 50:23–24)

Peço-lhes que meditem nestas palavras: “O que é de Deus é luz; e aquele que recebe a luz e persevera em Deus recebe mais luz, e essa luz se torna mais e mais brilhante até o dia perfeito”.

Para mim, essas poucas palavras abrangem o maravilhoso conceito do plano eterno de Deus em benefício de

Seus filhos e filhas que Ele ama. Essas palavras falam de aprendizado. Falam do agora e da eternidade. Falam de crescimento e desenvolvimento. São positivas, afirmativas e maravilhosas.

Decorei essa passagem há muito tempo atrás. Para mim ela é incrivelmente desafiadora e cheia de uma promessa magnificente, feita por Aquele que é nosso Pai e nosso Deus.

Nunca se enganem pensando que a felicidade pode vir das trevas, do mal ou do pecado. Saibam que a felicidade se consegue seguindo-se o caminho que o Senhor estabeleceu para nós. E assim, torno a repetir: Trilhem comigo o caminho da fé.

Para concluir, deixo com vocês meu testemunho desta obra. Pelos padrões do mundo sou um velho. Já trabalhei 20 anos mais do que seria considerado a idade normal para aposentadoria. Mas não me sinto velho! Sinto-me cheio de entusiasmo pela grande obra da qual fazemos parte. Por quê? Porque sei que é a obra do Todo-Poderoso e que transcende todas as outras obras debaixo dos céus.

Em termos desta vida e da eternidade, nada é mais importante. Disse o Mestre: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". (João 17:3)

Isso é vida eterna; é o plano de nosso Pai para a felicidade de cada um de nós. Deus, nosso Pai eterno, vive. Sei que Jesus é Seu Filho Bem-Amado, o Primogênito do Pai, Seu Unigênito na carne, o Salvador e o Redentor do mundo que, por intermédio de Sua Expição possibilitou-nos seguir em frente, rumo à exaltação. Joseph Smith foi e é um profeta. O Livro de Mórmon é verdadeiro. Desde que saiu do prelo em Palmyra, estado de Nova York, em 1830, apareceram críticos tentando explicar a sua origem. Seus esforços foram vãos. É cada vez mais lido e influencia positivamente um número cada vez maior de pessoas. Pensem nisto: em 1994 foram distribuídos 3.742.629 exemplares do livro. O livro ou partes dele aparecem agora em 88 línguas.

O sacerdócio está entre nós. É real. É poderoso. É verdadeiro. O espírito de revelação está entre nós. Desejo prestar-lhes meu testemunho de que o Senhor não permitirá que qualquer homem desvie Sua igreja. Ele tem poder sobre a vida e a morte. É a Sua igreja, e não a igreja de qualquer homem. Ele providenciará para que seja cuidada, para que vá avante, para que seus membros sejam alimentados com a boa palavra de Deus, e que siga em frente até cumprir a missão que lhe foi destinada.

Neste momento, como afirmei antes, estamos no palco, vocês e eu. Temos a grande oportunidade de ajudar esta causa do Pai Eterno. Como diz o hino, "Sempre fiéis nossa fé guardaremos, sempre valentes com ardor lutaremos". ("Deve São Fugir à Luta?" *Hinos*, nº 183.)

Queridos e jovens amigos: Saibam que eu os amo. Que os céus se abram e derramem bênçãos sobre vocês, cuja vida é pautada pela retidão, pela virtude, pelo entusiasmo, pelo aprendizado, pelo amor e pelo respeito. Que sejam abençoados com essa paz que se sente quando se faz a vontade do Senhor é minha humilde oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

#### IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Os santos dos últimos dias devem afastar-se das explorações do sexo e da violência, tão difundidos hoje em dia. Sejam virtuosos.

2. Os santos dos últimos dias devem evitar o uso de linguagem grosseira, rude e suja, tão comum nos dias de hoje. Cultivem a arte da conversação limpa.

3. Os santos dos últimos dias devem evitar críticas à Igreja e seus líderes. Meditem de modo positivo e afirmativo sobre a obra do Senhor.

4. Como povo, temos várias razões para nos rejubilar-mos. O sacerdócio está entre nós. O espírito de revelação está entre nós. O Senhor não permitirá que homem algum desencaminhe a Igreja.

# A MINHA PAZ VOS DOU



CRISTO COM AS CRIANÇAS, DE MINERVA TEICHERT, DEPARTAMENTO HISTÓRICO DA IGREJA

Volte-se para Jesus Cristo e receba tudo que Ele oferece:  
perdão, amor e paz verdadeira. (Ver João 14:27.)



# Auxiliares da Olimpíada Especial

Laury Livsey

**S**empre que Robert Norton subia numa bicicleta, tornava-se uma pessoa totalmente diferente.

“Robert saía com sua bicicleta às 8 da manhã e pedalava na frente de casa até 10 da noite. Ficou tão bom que foi o mais rápido ciclista das Olimpíadas Especiais em Connecticut”, diz seu irmão menor, Lee. “Antes de envolver-se com as Olimpíadas, Robert era um solitário por opção. Mas quando participou das Olimpíadas Especiais, abriu-se para o mundo. Fez amigos e as crianças da escola começaram a conversar com ele, coisa que não faziam.”

Por quase trinta anos, as Olimpíadas Especiais têm dado oportunidade a pessoas deficientes de competirem entre si em níveis local, nacional e internacional. Robert, que era deficiente mental, competiu em várias Olimpíadas Especiais antes de falecer em 1992. “Sinto saudades de meu irmão e nunca o esqueço”, explica Lee. “As Olimpíadas Especiais realmente preencheram a vida dele e fizeram-lhe muito bem.”

A memória de Robert perpetuou-se quando as Olimpíadas Especiais se tornaram algo especial para um

grupo de adolescentes santos dos últimos dias — incluindo Lee.

## CONFERÊNCIA DE JOVENS NOS JOGOS MUNDIAIS

No verão de 1995, líderes de três estacas dos Estados Unidos — de Connecticut e Rhode Island — estavam planejando juntar três conferências de jovens numa só. “Os líderes da estaca estavam interessados em idéias para a conferência de jovens e perguntaram aos jovens o que gostariam de fazer”, lembra Lee, 15 anos, mestre da Ala Newtown, Estaca New Haven. “Estávamos pensando em realizar algum serviço comunitário — você sabe, jardinagem e coisas assim.”

Então surgiu a sugestão de ajudarmos na Nona Olimpíada Especial Mundial, que seria realizada em New Haven, Connecticut. A idéia causou grande entusiasmo e rapidamente mais de 400 jovens santos dos últimos dias de três estacas se apresentaram como voluntários.

O tema da conferência de jovens era “Sois a Luz do Mundo”, exatamente o que os jovens SUD foram. Eles



FOTOGRAFIA DE BRENT PETERSON



serviram de várias formas — de chefes de torcida a controladores de estacionamento. “Realmente nos sentimos como uma luz e passamos essa luz uns para os outros ajudando aqueles atletas. É completamente possível passar luz adiante simplesmente sendo um bom exemplo”, diz Lee, que não poderia desejar melhor forma de servir. As competições foram em seu estado, e se há alguma coisa que Lee conheça bem são as Olimpíadas Especiais.

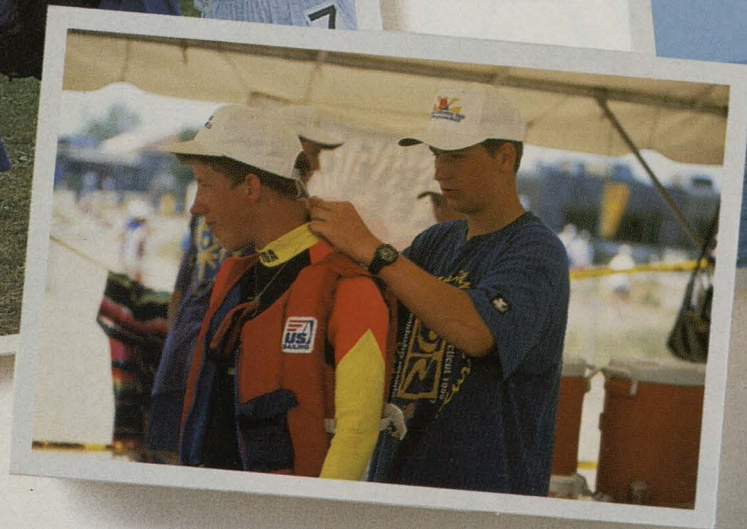
Devido a todo o tempo que passou nas competições de seu irmão Robert e, em 1994, quando foi voluntário nas Olimpíadas Especiais do estado de Connecticut, Lee entendeu o que significaria ser voluntário numa olimpíada de nível mundial. E ele observou outros jovens de sua idade aprenderem quão divertido pode ser ajudar atletas com necessidades especiais.

“Fiquei realmente feliz quando vi todos os jovens totalmente envolvidos. Eles iam até os atletas e davam-lhes abraços, incentivo ou o que quer que eles precisassem”, diz Lee.

Ben Johansen concorda: “Divertimo-nos muito. Queríamos servir, e tudo focalizava o serviço. Aqueles atletas fazem o melhor que podem com as aptidões que receberam. Aprendi que os vencedores nesta vida são aqueles que fazem o melhor com o que têm, não os que cruzam a linha de chegada na frente”.

As primeiras Olimpíadas Especiais Internacionais foram realizadas em julho de 1968 em Chicago, Illinois. Mil atletas olímpicos do Canadá e dos Estados Unidos participaram. Hoje, a competição conta com 7.000 atletas de 140 países e 45.000 voluntários. Em 1993, pela primeira vez, as Olimpíadas Especiais de Inverno realizaram-se fora dos Estados Unidos, na Áustria. Na Europa, Olimpíadas Especiais já foram realizadas na Bélgica e na Escócia.

Em 1995, na largada da corrida de pista, em Connecticut, a juventude SUD reuniu-se no ponto de entrada dos atletas na pista para apertar-lhes as mãos e dar-lhes tapinhas nas costas e palavras de incentivo. O



sorriso dos atletas ficou ainda maior quando os jovens SUD lhes pediram autógrafos.

“Eles ficam realmente felizes quando você sorri para eles ou lhes dá os parabéns. No momento em que começamos a conversar com eles, tornam-se alegres e falantes”, diz Stephanie Perry.

Isso fez com que os voluntários SUD desenvolvessem a mesma atitude.

“Nas outras conferências de jovens de que participei, nós trabalhamos e depois um de nossos líderes recebeu uma carta de agradecimento. Metade das pessoas que trabalham no projeto nem sequer percebem que o que fizeram foi apreciado por alguém. É tão bom relacionar-se com outras pessoas”, diz Marilee Hales. “Dava para ver a animação daqueles atletas quando lhes apertávamos as mãos e os incentivávamos.”

Ben Stratford diz: “O melhor de tudo foi o tempo que passamos com os participantes das Olimpíadas Especiais e o exemplo que eles me deram”.

#### PONTO DE VISTA

Num dia extremamente quente em New Haven, vários jovens reuniram-se no estádio de futebol americano da Universidade de Yale, com escovões nas mãos. Sua tarefa era varrer o estádio em preparação para a cerimônia de encerramento das Olimpíadas. Enquanto Lee varria pilhas de lixo, parou para pensar no que eles haviam feito naqueles três dias de serviço.

“Varrer é apenas trabalho mecânico. Depois de varrer, o estádio não vai se lembrar que você o varreu”, diz. “Mas os atletas vão lembrar-se de você. Eles se lembrarão de nós. Isso é o que realmente importa para mim. E eu me lembrarei deles.”

Convivendo com os atletas das Olimpíadas Especiais, Lee presenciou alegria e felicidade reais, especialmente quando os atletas sorriam para ele.

E, ao retribuir o sorriso, ele não conseguia pensar em ninguém além de seu irmão Robert. □



# O IRMÃO DE JAREDE

## UM MESTRE DO APRENDIZADO

**Elder Henry B. Eyring**  
do Quórum dos Doze Apóstolos

**T**odos temos dolorosas lembranças de repreensões por parte de nossos pais ou professores pelo fato de não tentarmos aprender. Ainda consigo escutar as palavras de uma professora de alemão, baixa o suficiente para olhar-me nos olhos quando parada ao lado de minha carteira, dizia: “Du bist ein ———” que, traduzido, significa que ela pensava ser eu um burro por não aprender e que um dia eu me arrependeria. E, de fato, arrendo-me. E arrendo-me por uma centena de vezes e locais em que fui lento ou incapaz de aprender. Porém, mais do que arrender-me por ter decidido não aprender com uma professora de alemão ou de piano e com tantos outros, sinto grande pesar pelos dias — e mesmo meses e anos — em que o Mestre poderia ter-me

**“( . . . ) E o véu foi tirado dos olhos do irmão de Jared e ele viu o dedo do Senhor; ( . . . ) e o irmão de Jared caiu perante o Senhor, porque ficou tomado de medo.” (Éter 3:6)**

ensinado a usar a fé, o arrependimento, o Espírito Santo e a caridade, mas não conseguiu atrair minha atenção.

Caso tenha os mesmos remorsos que eu — e, com certeza, você tem alguns — e deseje aprender melhor, encontrará consolo e também sugestões na vida do irmão de Jared. Humilhe-se como ele, lendo a repreensão descrita no livro de Éter, que mudou a vida dele e pode ajudar a mudar a sua:

“E aconteceu, no fim de quatro anos, que o Senhor tornou a aparecer ao irmão de Jared; e estava numa nuvem e falou com ele. E pelo espaço de três horas falou o Senhor com o irmão de Jared e repreendeu-o por não se ter lembrado de invocar o nome do Senhor.” (Éter 2:14)

Os números mencionados nesse triste relato são chaves para o problema do irmão de Jared e para a solução do Mestre: quatro anos e três horas. O irmão de Jared e a caravana de pessoas e animais estavam parados havia quatro anos numa jornada que, sabiam eles, iria conduzi-los sobre muitas águas para a terra prometida. O Mestre

levou não um minuto, nem cinco, mas gastou três horas de Seu tempo para repreender a falta de atenção. O que esses quatro anos e essas três horas nos indicam a respeito de barreiras e portões de acesso ao aprendizado?

Para mim, a importância dos quatro anos reside no fato de que os Jareditas passavam por um período de inércia em sua jornada, que teve início no caos da Torre de Babel, prosseguiu pelas imensidões desoladas da Ásia e, finalmente, seguindo as admoestações do Senhor, atravessou oceanos varridos pelos ventos para chegar a uma terra escolhida entre todas as outras — tudo isso sob a direção do Senhor. O Élder Spencer W. Kimball apreendeu todo esse drama, relatando-o num discurso de conferência geral:

“Esse livro sem paralelos deve deixar perplexos os navegadores: descreve-se uma jornada terrestre sem precedentes em distância, objetivo e perigos, seguida por uma travessia marítima ao redor do mundo, séculos antes dos viquingues — travessia essa plena de perigos inimagináveis, como tempestades, recifes escondidos, furacões e até mesmo motins. A primeira travessia marítima registrada ocorreu cerca de quarenta séculos atrás, com naves sem velas, motores, remos ou lemes — oito barcos semelhantes à arca de Noé, com o comprimento de uma árvore, ajustados como um vaso, com as extremidades em ponta (ver Éter 2:17), com uma abertura em cima e outra no fundo; iluminados por pedras fundidas (ver Éter 2:20; 3:1 em diante.), talvez com rádio ou alguma outra substância ainda não descoberta por nossos cientistas. Leves e como um [pássaro] sobre as águas, esses barcos foram levados por ventos e correntes marinhas, chegando a um ponto da América do Norte, provavelmente na costa oeste.” [Conference Report (Relatório da Conferência Geral), abril de 1963, pp. 63–64.]

O líder dessa perigosa jornada era o irmão de Jared [sabemos, por outras fontes, que seu nome era Maonri Moriâncumer (ver nota de rodapé em George Reynolds, “The Jaredites”, *Juvenile Instructor*, 1º de maio de 1892, p. 282).] Com exceção desses quatro anos, sua vida exemplifica a fusão entre a capacidade de ações corajosas e a suscetibilidade de aprender. Essa combinação incomum



ILUSTRADO POR DEL PARSON

**“( . . . ) E pelo espaço de três horas falou o Senhor com o irmão de Jared e repreendeu-o por não se ter lembrado de invocar o nome do Senhor.” (Éter 2:14)**

surge logo no início da história, quando seu poder pessoal e o relacionamento pacífico que tinha com o irmão, Jared, serve de pano de fundo para a narrativa em que o Senhor confunde os construtores da Torre.

“E o irmão de Jared, sendo um homem grande e forte e um homem altamente favorecido pelo Senhor, Jared, seu irmão, disse-lhe: Clama ao Senhor, para que ele não nos confunda de maneira que não possamos entender as nossas palavras.

E aconteceu que o irmão de Jared clamou ao Senhor e o Senhor teve compaixão de Jared; portanto não confundiu a língua de Jared; e Jared e seu irmão não foram confundidos.” (Éter 1:34–35)

Assim que Maonri Moriâncumer obteve essa bênção para si e seu irmão, aceitou novamente o conselho de Jared para orar a fim de que seus amigos não fossem confundidos; e essa bênção foi também concedida. Mais uma vez ele aceitou o conselho de pedir a Deus que os

conduzisse à terra prometida e recebeu a bênção. Na realidade, recebeu mais do que a bênção; recebeu o chamado de assumir a liderança.

“E aconteceu que o Senhor ouviu o irmão de Jared e teve compaixão dele e disse-lhe:

Começa a reunir teus rebanhos de toda espécie, macho e fêmea; e também toda espécie de sementes da terra; e tuas famílias e também teu irmão Jared e sua família; e também teus amigos e suas famílias e os amigos de Jared e suas famílias.

E quando tiveres feito isso, descerás adiante deles para o vale situado ao norte. E lá te encontrarei e irei adiante de ti para uma terra escolhida entre todas as terras do mundo.” (Éter 1:40-42)

O homem que aceitava os conselhos de seu irmão, assim como os de Deus, ficou sabendo da razão pela qual recebera as bênçãos: “. . . ) assim farei contigo, porque me invocaste este longo tempo”. (Éter 1:43) Apesar de ser forte e grande, a posição de liderança de Moriâncumer foi obtida, em parte, por sua capacidade de agir. Ele também contava com o Mestre, que o orientava continuamente a respeito dos detalhes da viagem.

“E aconteceu que o Senhor lhes ordenou que fossem para o deserto, sim, para aquela parte onde o homem nunca estivera. E aconteceu que o Senhor foi adiante deles e falou com eles enquanto estava em uma nuvem; e deu-lhes instruções para onde viajar.

E aconteceu que viajaram no deserto e construíram barcos, nos quais atravessaram muitas águas, sendo continuamente dirigidos pela mão do Senhor.” (Éter 2:5-6)

Como pôde Moriâncumer — um homem capaz de aceitar o conselho de seu irmão, um homem abençoado com a atenção pessoal do Mestre devido a suas poderosas orações, um homem forte o suficiente para conduzir o povo e os rebanhos de todos os tipos por desertos sem trilhas e por mares, chegando às margens do grande oceano — como pôde ele armar sua tenda e, quatro anos depois, ser repreendido por esquecer o Senhor?

A própria brevidade da descrição desses quatro anos é muito esclarecedora:

“E agora prossigo meu registro; pois eis que aconteceu

que o Senhor levou Jared e seus irmãos até aquele grande mar que divide as terras. E quando chegaram ao mar, armaram suas tendas; e deram ao lugar o nome de Moriâncumer; e habitaram em tendas, à beira-mar, pelo espaço de quatro anos.” (Éter 2:13)

Podemos quase ouvir os suspiros de alívio quando as cargas foram depositadas no solo, os rebanhos soltos para pastar nas planícies, as tendas armadas e o lugar recebeu o nome do grande líder que conduziu o povo em segurança. As escrituras não nos dizem por que o povo “não se [lembrara] de invocar o nome do Senhor” (Éter 2:14) durante aqueles anos, mas nossa própria experiência pode dar-nos uma pista. Quando enfrentamos um deserto desconhecido ou um mar estranho, que podem ter a forma de uma mudança para um novo local ou da morte física de um ente querido, nosso coração é tocado, imploramos bênçãos e choramos quando as recebemos. Porém, quando é mais difícil percebermos as necessidades ou as bênçãos — quando nossas tendas estão armadas — torna-se fácil esquecer o Mestre e pensar mais no papel desempenhado por nossa própria coragem e esforço. Há ocasiões em que aqueles que nos cercam contribuem para esse esquecimento, elogiando-nos e atribuindo-nos a vitória. A maioria de nós passa uma boa parte da vida correndo riscos quase invisíveis, o que torna fácil termos confiança em nós mesmos e difícil aceitar conselhos de irmãos ou de Deus.

Nenhuma repreensão poderia ter um final mais feliz do que essa teve para Moriâncumer; tampouco podemos nós desejar exemplo mais útil. Ele arrependeu-se.

“E o irmão de Jared arrependeu-se do mal que havia feito e invocou o nome do Senhor por seus irmãos que se achavam com ele. E o Senhor disse-lhe: Perdoarei a ti e a teus irmãos vossos pecados; mas não pecareis mais, porque vos lembrareis de que meu Espírito não lutará para sempre com o homem; portanto, se pecardes até estardes plenamente amadurecidos, sereis afastados da presença do Senhor.” (Éter 2:15)

O arrependimento trouxe de volta a disposição para ser ensinado. Moriâncumer mais uma vez seguiu a orientação recebida anteriormente para a construção

de barcos e também resolveu o problema da falta de ar nos barcos, conforme orientado em detalhes pelo Senhor. Ele apresentou ao Mestre o problema da iluminação. A maneira pela qual o Senhor respondeu à pergunta derrama luz sobre um outro aspecto da disposição para ser ensinado: o desejo do aluno de fazer o dever ou lição de casa.

O Senhor conhecia inúmeros modos de iluminar os barcos, mas Ele analisou o problema cuidadosamente e só ofereceu ajuda após Moriâncumer ter chegado ele próprio à solução. O irmão de Jaredé fez todo o possível para realizar aquilo de que era capaz e delimitou precisamente o que restava para o Senhor fazer.

“E o Senhor disse ao irmão de Jaredé: Que desejais que eu faça, a fim de que tenhais luz em vossos barcos? Porque eis que não podeis ter janelas, porque seriam despedaçadas; nem levareis fogo convosco, porque não ireis pela luz do fogo.

Pois eis que sereis como uma baleia no meio do mar; porque as altas ondas se quebrarão sobre vós. Não obstante, tirar-vos-ei novamente das profundezas do mar; porque os ventos saíram de minha boca e também eu enviei as chuvas e as inundações.

E eis que vos preparo contra essas coisas; porque não podeis cruzar este grande mar sem que eu vos prepare contra as ondas do mar e os ventos que saíram e os dilúvios que hão de vir. Portanto, que desejais que eu prepare para vós, a fim de que tenhais luz quando estiverdes submersos nas profundezas do mar?” (Éter 2:23–25)

O irmão de Jaredé aqueceu a rocha para fazer 16 pedras transparentes e, no monte Selém, pediu ao Senhor que lhe desse a solução da parte que ele não fora capaz de resolver: fazer com que as pedras emitsem luz. Porém ele não perguntou simplesmente como uma criança pede algo a um pai apressado ou como um aluno pergunta a um professor que está atendendo a diversos alunos ao mesmo tempo. Ele implorou perdão. Ele reconheceu as bênçãos. Ele proclamou fé no poder de Deus.

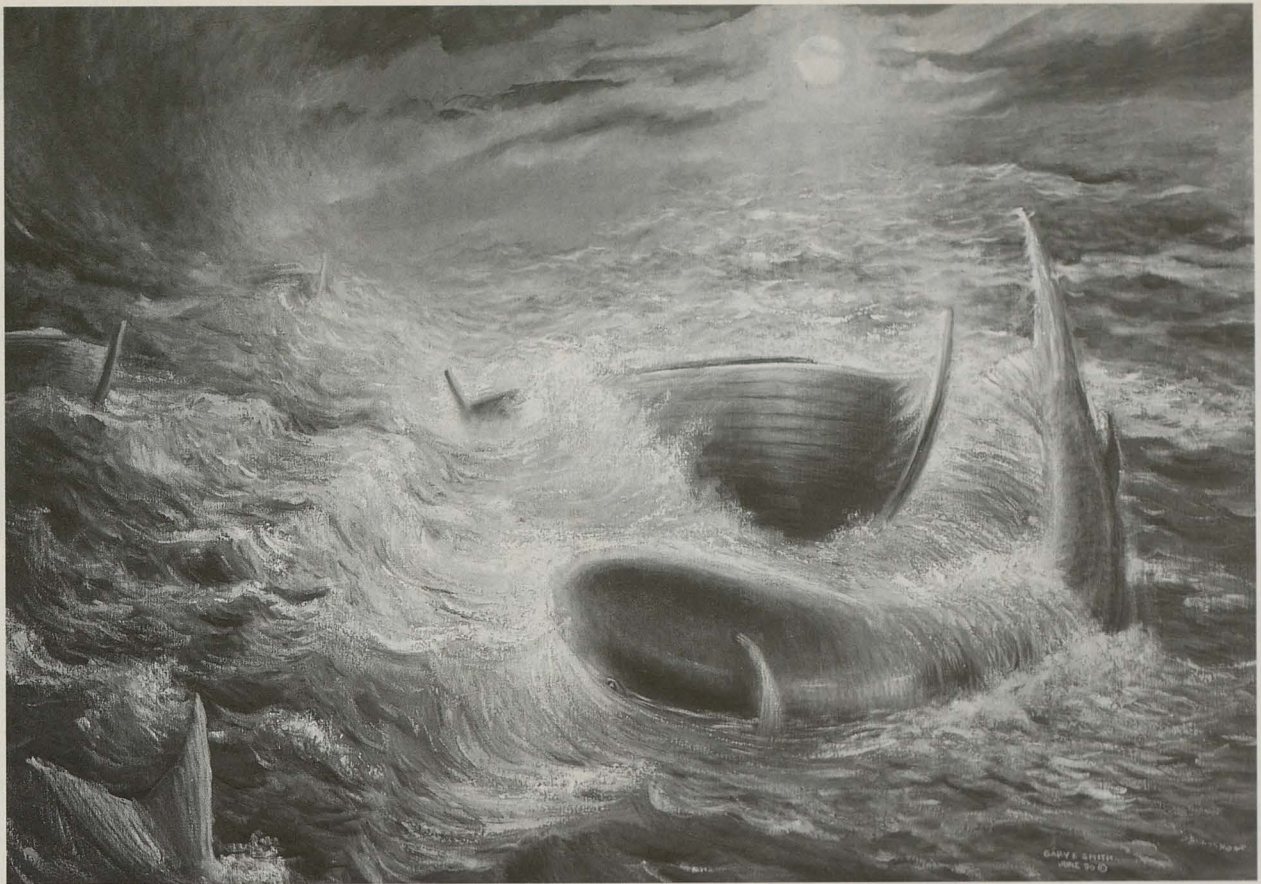
O Senhor aprovou a solução do irmão de Jaredé tocando as pedras e, ao fazê-lo, o véu foi removido dos olhos de Moriâncumer e ele viu o dedo do Senhor.

Assombrado, pediu que o Senhor Se mostrasse a ele. O Senhor não apenas atendeu-lhe o pedido, mas também mostrou-lhe, em visão, o panorama total da história do mundo. Tão maravilhosas foram as coisas mostradas ao irmão de Jaredé, que o registro delas foi escondido e assim ficará até estarmos preparados para recebê-las. O Presidente Joseph Fielding Smith, num discurso de conferência, disse-nos como podemos qualificar-nos, como povo, para essa bênção:

“Ora, o Senhor nos está provando, como membros da Igreja. Deu-nos o Livro de Mórmon, que é a parte menor, para edificar nossa fé através da obediência aos conselhos que ele contém; e quando nós, membros da Igreja, estivermos dispostos a guardar os mandamentos como nos foram dados e a mostrar nossa fé como o fizeram os nefitas, por um curto período de tempo, o Senhor estará pronto para revelar-nos e entregar-nos o outro registro. Mas não estamos prontos ainda para recebê-lo. Por quê? Porque não nos mostramos à altura, neste período de provação, daquilo que é exigido de nós em termos de leitura do registro que nos foi dado e de obediência a seus conselhos.” (Conference Report, outubro de 1961, p. 20.)

Essa avaliação parece dizer que precisamos ser aprendizes como Moriâncumer após seu arrependimento. Nossa negligência ou falta de diligência quanto ao estudo dos mandamentos e obediência a eles pode assemelhar-se à displicência dos Jareditas durante aqueles quatro anos.

Se nos abirmos ao aprendizado, como fez o irmão de Jaredé, algum dia poderemos receber o registro de suas bênçãos espirituais. A história parece sugerir que a principal barreira a essas bênçãos é nossa incapacidade de sentir o perigo em que nos encontramos, caso não recebamos conselho espiritual — caso nos esqueçamos de clamar ao Senhor. A história também ilustra, de forma adequada, o principal portão que conduz a essas bênçãos: a fé. No tempo gasto e no cuidado demonstrado pelo Mestre ao repreender e ensinar Moriâncumer, encontramos a lição de que uma oração vigorosa é ouvida e respondida.



**“Pois eis que sereis como uma baleia no meio do mar; porque as altas ondas se quebrarão sobre vós. Não obstante, tirar-vos-ei novamente das profundezas do mar (. . .).” (Éter 2:24)**

O Presidente Brigham Young desvia-nos a atenção das visões sensacionais do livro de Éter e leva-nos em direção às lições, que são mais importantes:

“Se tivésseis fé para ir ao cemitério e fazer reviver multidões de mortos, só isso não os tornaria santos dos últimos dias, nem mesmo se as visões de vossa mente se abrissem para que vísseis o dedo de Deus. O que é preciso para conseguirmos isso? Obedecer aos mandamentos do Senhor, caminhar com humildade perante Deus e uns perante os outros, cessar de praticar o mal e aprender a praticar o bem, além de viver por toda palavra que sai da boca de Deus. Aí, então, sereis santos dos últimos dias, tenhais ou não visões.” [*Journal of Discourses* (Diário de Discursos) 3:211.]

Essas palavras parecem sugerir que, uma vez que poucos de nós terão manifestações espetaculares como o irmão de Jared, poderemos acrescentar à imagem

freqüente que nos vem à mente quando falamos de Moriâncumer (a luz atordoante das pedras no topo de uma montanha) a cena tranqüila de quatro anos à beira-mar e a imagem de uma entrevista de três horas. As tendas junto ao mar poderiam lembrar-nos que nossa dependência e gratidão não devem ter fim, devendo perdurar não apenas quando nos encontramos nos desertos sem trilhas do mundo ou submersos em um encapelado oceano espiritual. E uma entrevista de três horas, mais longa do que aquelas que fazemos com nossos filhos, irmãos ou esposa, poderia lembrar-nos da disponibilidade, paciência e amor de nosso Mestre. E com essa sensação de necessidade e com a fé na disponibilidade de Deus, teremos aprendido uma lição fundamental com o irmão de Jared, um mestre do aprendizado.

Ele permaneceu aberto a ensinamentos durante toda a vida, como demonstrado por seu último ato: ele aceitou o conselho de seu irmão de dar um rei ao povo, apesar de sua convicção de que isso os levaria ao cativeiro. Não obstante seu poder pessoal e as visões do futuro que recebeu do céu, Moriâncumer ainda pediu conselhos. Aparentemente nunca saberemos tanto a respeito do céu que não possamos aprender uns com os outros. □

# O QUE APRENDI A RESPEITO DE SERVIR A MINHA MULHER

Ela ajudou-me a perceber que servi-la significava conhecer suas necessidades, sem esperar que ela pedisse alguma coisa.

Gary L. Gray

**M**inha mulher, Chris, e eu somos os melhores amigos um do outro e apaixonados há mais de dezoito anos. Temos apoiado um ao outro nos altos e baixos da vida de casado, festejado e chorado juntos, e, com nossos sete filhos, esforçado-nos para construir um forte lar cristão.

Fiquei animado com o convite para fazer um discurso numa reunião de liderança do sacerdócio em que falaria a respeito de servir a minha mulher. Confiantemente, delineeie os principais pontos doutrinários que sabia ser importantes, acrescentei exemplos para ilustrar as idéias principais e elaborei o que acreditava ser um vigoroso discurso voltado para o evangelho. Concentrei-me nos aspectos eternos do casamento e da família, resumindo as palavras dos profetas a respeito do papel da mulher e dando ênfase à responsabilidade que os homens têm de ajudá-las.

Fiquei no escritório, após o fim do expediente, dando os últimos retoques no discurso e dirigi-me para casa cheio de expectativas. Chris era minha "congregação de um só", pois sempre lhe apresentava meus discursos e minhas idéias antes de fazê-lo em público e, constantemente, recebia seu apoio e encorajamento.

Tinha certeza de que ela gostaria daquele discurso.

"Chris, você tem um instantinho?" perguntei-lhe ao entrar em casa.

"Oi, querido. Já estou indo. Só preciso ver como está o jantar", respondeu ela do fundo da casa.

Enquanto olhava a correspondência do dia, após entrar na sala, ouvia-a dando instruções às crianças: Shannon teria de ajudar no jantar, Casey iria pôr a mesa e Caitlin, de dois anos de idade, deveria ir vestir-se.

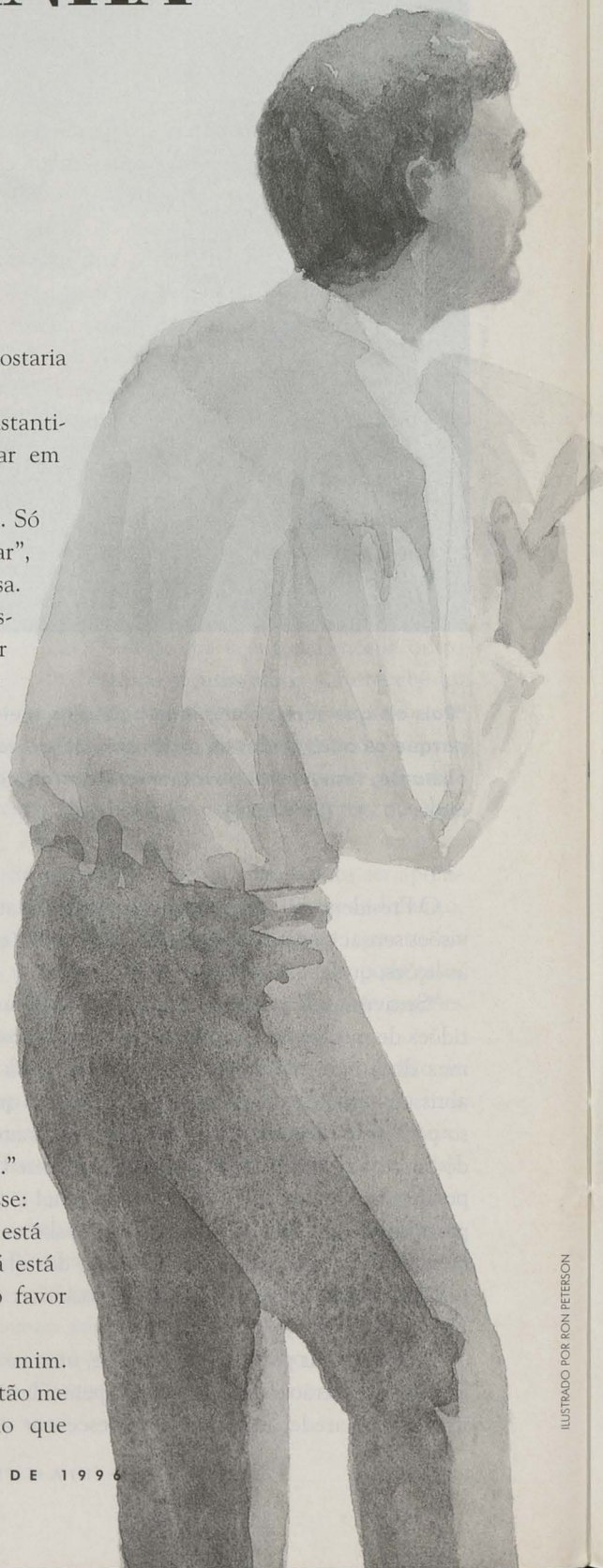
"Bem, o que foi?" perguntou-me Chris, depois de um beijo e um abraço rápidos.

"Vou fazer um discurso na reunião de liderança do sacerdócio daqui a alguns dias. Quero lê-lo para você para que possa me dizer o que acha e..."

"Só um minutinho, querido." Virando-se para a cozinha, disse:

"Shannon, parece que a carne está queimando. Casey, a mesa já está posta? Brianne, quer fazer o favor de ajudar Caitlin?"

Ela voltou-se para mim. "Desculpe-me. As crianças estão me deixando louca hoje. Tenho que



ILUSTRADO POR RON PETERSON



ILUSTRADO POR RON PETERSON

lembrá-las das coisas mais banais a todo o momento. O que você estava dizendo mesmo?"

Dei um sorriso e comecei de novo: "Pediram-me que fizesse um discurso na . . ."

Nesse exato momento, Brianne entrou e disse que não conseguia achar as roupas de Caitlin. Chris mandou-a olhar na lavanderia e pediu-lhe que aproveitasse para colocar as roupas para lavar. Antes que eu conseguisse dizer outra palavra, Caitlin chegou correndo na sala com diversas partituras que Chris havia encomendado para um festival de coros.

"Oh, não!" disse Chris, enquanto corria para salvar uma caixa com mais ou menos 100 partituras. "Passei toda a manhã e a maior parte da tarde anotando cada uma delas com as marcas de respiração e pronúncia. Só o que me faltava é Caitlin rabiscá-las."

"Bem . . . sobre meu discurso . . .", continuei depois que ela voltou. "O tema é servir ao cônjuge. Pensei em pedir a você que me dissesse qual seria a melhor maneira de um portador do sacerdócio servir a sua mulher, para que eu veja o quanto consegui me aproximar da idéia em meu rascunho."

"Gostaria de saber primeiro o que você pensa", disse-me ela passando por cima do alarido que vinha da cozinha.

"Bem, é ainda um rascunho, e eu gostaria de suas opiniões para ajudar-me a melhorar os pontos fracos do discurso", disse eu. "Diga-me: do que uma esposa mais precisa?"

Depois de pensar um pouco, Chris disse: "Uma esposa precisa de alguém disposto a ajudá-la a fazer as coisas

que ela faz para todos os outros da família. Ela necessita de um ajudante que não reclame, que seja bem-humorado e que se concentre em limpar, cozinhar, fazer compras, cuidar das crianças e organizar as coisas de um modo geral — alguém que esteja disposto a fazer isso tudo, ainda que os merecidos reconhecimento e elogios nem sempre apareçam. Isso está no seu discurso?"

"Bem . . .", disse eu, baixando os olhos.

Já mais concentrada no assunto, ela continuou: "Esse ajudante deve também ser capaz de prever as necessidades dos familiares, estar disposto a, temporariamente, deixar de lado projetos pessoais quando os filhos precisarem de atenção e, ainda, ser capaz de encontrar os objetos da família com rapidez".

"Isso também não está no meu discurso", disse-lhe eu. Meu discurso, no entanto, tinha muitos pontos positivos. "E o sacerdócio? Não é importante para uma mulher que seu marido seja um portador do sacerdócio?"

Ela sorriu. Parecia estar satisfeita por eu ter incluído coisa tão importante. Pelo menos, assim pensava eu.

"Sim, isso significa muito para mim. O importante, porém, é usar o sacerdócio e não apenas possuí-lo. Um portador do sacerdócio deve procurar maneiras de usar seu sacerdócio para abençoar sua mulher. Quando ela tem de chegar a pedir sua ajuda, fica imaginando se seu marido está realmente atento para as necessidades dela. Quando um marido está atento às necessidades, sentimentos e tribulações

de sua mulher, ela sente que ele lhe dá valor e aprecia o que ela faz."

"Obrigado", disse eu, abaixando-me para beijá-la. "O que mais pode um marido fazer para servir a sua mulher?"

"Apenas mais duas coisas", disse Chris. "Em primeiro lugar, ele deve dar ouvidos a ela. Ela não deve ter que competir com a televisão, o jornal ou outras distrações. Ele deve ouvir, com o coração, o que sua companheira eterna tem a dizer-lhe. Uma vez que teremos de passar a eternidade juntos, temos que conhecer os pensamentos um do outro, assim como as opiniões, ansiedades, frustrações e esperanças."

Em silêncio, coloquei sobre a mesa as cartas que ainda tinha nas mãos.

"Em segundo lugar, ele deve simplesmente amá-la. Ele deve amá-la quando ela está impaciente e frustrada depois de um dia atarefado, ou quando deixou queimar o jantar, ou quando é difícil para ela amar a si mesma, ou quando está grávida de quatro meses e meio e não tem certeza de conseguir atender às necessidades de mais um filho."

Naquela noite, redigi meu discurso novamente, salientando que servir significa muito mais que ajudar minha mulher somente quando ela pede ajuda. Chris lembrou-me que o casamento verdadeiro, como disse o Presidente Spencer W. Kimball, está baseado na felicidade que "provém da doação, do serviço, do companheirismo, do sacrifício e do despreendimento". [*Marriage and Divorce* (Casamento e Divórcio), Salt Lake City: Deseret Book Company, 1976, p. 12.] □

# SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1996



# FOGO NA



# MONTANHA

Lloyd H. Parry  
ILUSTRADO POR PAUL MANN

Uma de minhas atividades favoritas quando criança e jovem era caminhar pelas montanhas ao leste de Manti, no Estado de Utah. Num dia já frio de outono, quando tinha cerca de 10 anos, um amigo e eu decidimos fazer uma dessas caminhadas.

Minha mãe embrulhou dois sanduíches e duas fatias de torta e, junto com uma maçã para cada um de nós,

colocou-os num saco para que levássemos conosco.

Aprecei o ar limpo e fresco e o aroma do campo e dos pomares enquanto deixávamos para trás os arredores da cidade, passando por uma fazenda vizinha e pela plantação de maçã de um outro vizinho. As árvores estavam carregadas de deliciosas maçãs vermelhas.

Cada um de nós levava um saco de estopa grande, pois esperávamos encontrar alguns pinhões. Quando pegamos a trilha estreita em meio à vegetação, encontramos pinheiros aqui e ali e algumas pinhas.

Guardamos as pinhas, pegajosas com a seiva da árvore, dentro do saco, sabendo que cada uma delas continha diversos pinhões. Eu adorava pinhões naquela época e ainda gosto muito deles. Os índios gostavam deles também e usavam-nos como um de seus alimentos básicos. Eles faziam um tipo de pão de pinhões misturados com gafanhotos. Eu preferia meus pinhões sem gafanhotos.

Meu amigo e eu continuamos a subir até chegarmos a um conjunto de pedras brancas dispostas de maneira a formar a letra M (de "Manti", o nome da cidade). Esse enorme M podia ser visto lá de baixo, do vale. Escolhemos uma das pedras para nos sentar e descansar. Tirando os sapatos para refrescar os pés na rocha lisa, apreciávamos a

vista de Manti, abaixo de nós, através dos campos e vales. Havia uma brisa suave no ar puro e limpo e sentíamos o aroma da vegetação local. Como era bom estar neste mundo!

Juntamos alguns galhos secos para fazermos uma fogueira a fim de assarmos alguns pinhões. Acendemos o fogo e ele logo estava bem alto — alto até demais!

O fogo pegou numa moita, depois noutra e mais outra. Parecia que nossa pequena fogueira iria espalhar-se por toda a montanha e transformar-se em um incêndio na floresta. Não tínhamos água para apagar o fogo, de modo que tentamos abafá-lo com os sacos. Todas as vezes, porém, que batíamos no fogo, ele parecia avivavar-se e espalhava-se ainda mais. Em desespero, meu amigo disse que ia buscar ajuda. Calçou os sapatos depressa e pôs-se a correr montanha abaixo.

Eu estava só! Ajoelhei-me e orei. "Pai Celestial, ajuda-me a apagar esse fogo." Isso é tudo que me lembro de ter dito. Não sei o que esperava. Não havia uma nuvem no céu e não começou a chover de repente. Eu não ouvi voz alguma me dizendo o que fazer, mas o Pai Celestial atendeu a minha oração.

Antes mesmo de me erguer do chão, senti que deveria jogar terra no arbusto mais próximo e no outro que estava a seu lado. Joguei terra



em outros até que havia cercado o fogo e tinha-o sob controle. Logo tudo que havia era fumaça onde antes havia fogo. Eu não escutara uma voz dizendo: "Jogue terra no fogo". Senti, porém, com muita convicção, que tinha de fazê-lo. De algum modo, o Pai Celestial colocara essa idéia em minha mente.

Sou grato pela maneira em que o Pai Celestial respondeu a minha oração. Ele não apagou o fogo. Em vez disso, permitiu que eu tivesse a dignidade de apagá-lo, aumentando minha autoconfiança e ajudando-me a perceber que eu era capaz de resolver os problemas com Sua ajuda.

Aprendi muitas lições importantes com essa experiência. A primeira delas foi não acender fogo perto de plantas secas quando há vento. Mais importante ainda, aprendi que a oração de um menino numa montanha seria ouvida e atendida. Aprendi também que, de modo geral, o Pai Celestial não fará por nós aquilo que nós mesmos podemos fazer; Ele nos ajudará a usarmos nossa própria inteligência, nossa força e os materiais a nosso alcance, como a terra que está sob nossos pés. □



# Serei Valoroso

F C7 F

O Pai pre - ci - sa, ho - je, de ser - vos

oitavas ad lib

Gm

que quei - ram tra - ba - lhar, Que si - gam os Seus man - da -

C7 F C7

men - tos E a Seus fi - lhos quei - ram a - ju - dar.

F (F7) Bb

O Se - nhor pre - ci - sa de ser - vos va - lo - ro - sos, sim. Co -

(Bdim) F D7 Gm C7 F

mi - go, Pai po - de con - tar. Se - rei sem - pre um ser - vo - as - sim.

*mf*

Letra e Música: Vanja Y. Watkins, n. 1938. © 1981 SUD

Alma 53:20-21

Esta música pode ser copiada para uso no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.

DE UM AMIGO PARA OUTRO

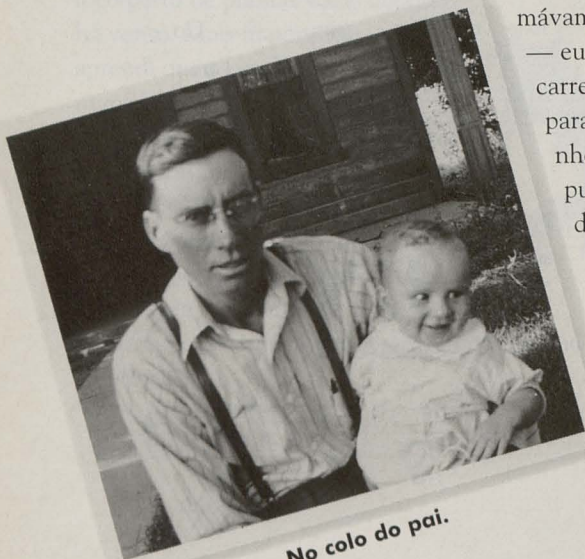
# Élder Jay E. Jensen

## dos Setenta

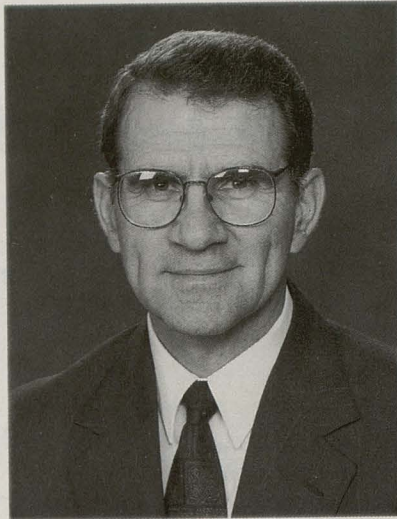
Em entrevista a Rebecca M. Taylor

**M**apleton, Utah, onde nasci, era uma pequena comunidade rural. Meu pai não era fazendeiro; ele trabalhava construindo rodovias. Nosso vizinho, o Bispo Oscar Whiting, tinha uma fazenda; e, como meu pai e minha mãe queriam que seus filhos aprendessem o valor do trabalho, disseram ao bispo: “Se der trabalho a nossos filhos em sua fazenda, nós lhe pagaremos para que você os pague”.

Nosso bom bispo respondeu: “Não, não é necessário nos pagarem; nós lhes daremos trabalho e nós os pagaremos”. Assim, quando menino, desde quando consigo me lembrar (nessa época eu tinha uns sete ou oito anos), aprendi a trabalhar.



No colo do pai.

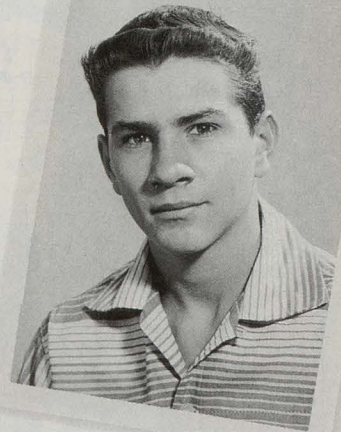


No verão, colhíamos o feno na fazenda da família Whiting. Tratores eram novidade na época e os Whiting não tinham condições de comprar um. Eles usavam carroças puxadas por cavalos para fazer os serviços. Meu primeiro emprego, a 15 centavos por hora, foi o que chamávamos de “trampolim de feno” — eu amassava o feno na carroça carregada, saltando sobre a carga para que ela não caísse no caminho até o celeiro e para que se pudesse carregar uma quantidade maior de feno.

Naqueles dias, a Primária era realizada durante a semana. Toda segunda-feira às três da tarde o Bispo Whiting dizia: “Jay, por hoje é só. Já para a Primária”.

Outra característica daqueles dias é que a

Igreja ainda não tinha o programa de noite familiar. Mas nossa família realizava reuniões em família à noite. Uma de minhas mais doces memórias é estar sentado no colo de meu pai ouvindo ele ler para nós histórias do Livro de Mórmon. Além de iniciar meu testemunho do Livro de Mórmon, eu sentia meu amor por meu pai e minha mãe crescer.



Com 14 anos.

Após passarmos esse tempo juntos, brincávamos de Passa Anel e outros jogos do gênero. Jogávamos basquetebol também. No inverno, quando era muito frio para jogar fora de casa, fazíamos um aro de basquete com um cabide de metal e o pendurávamos sobre uma porta. A bola era feita de meias femininas.

# RESPEITO BELA CRIAÇÃO

É claro que não podíamos quicá-la, mas podíamos arremessá-la ao aro e passá-la um para o outro. Adorávamos jogar juntos.

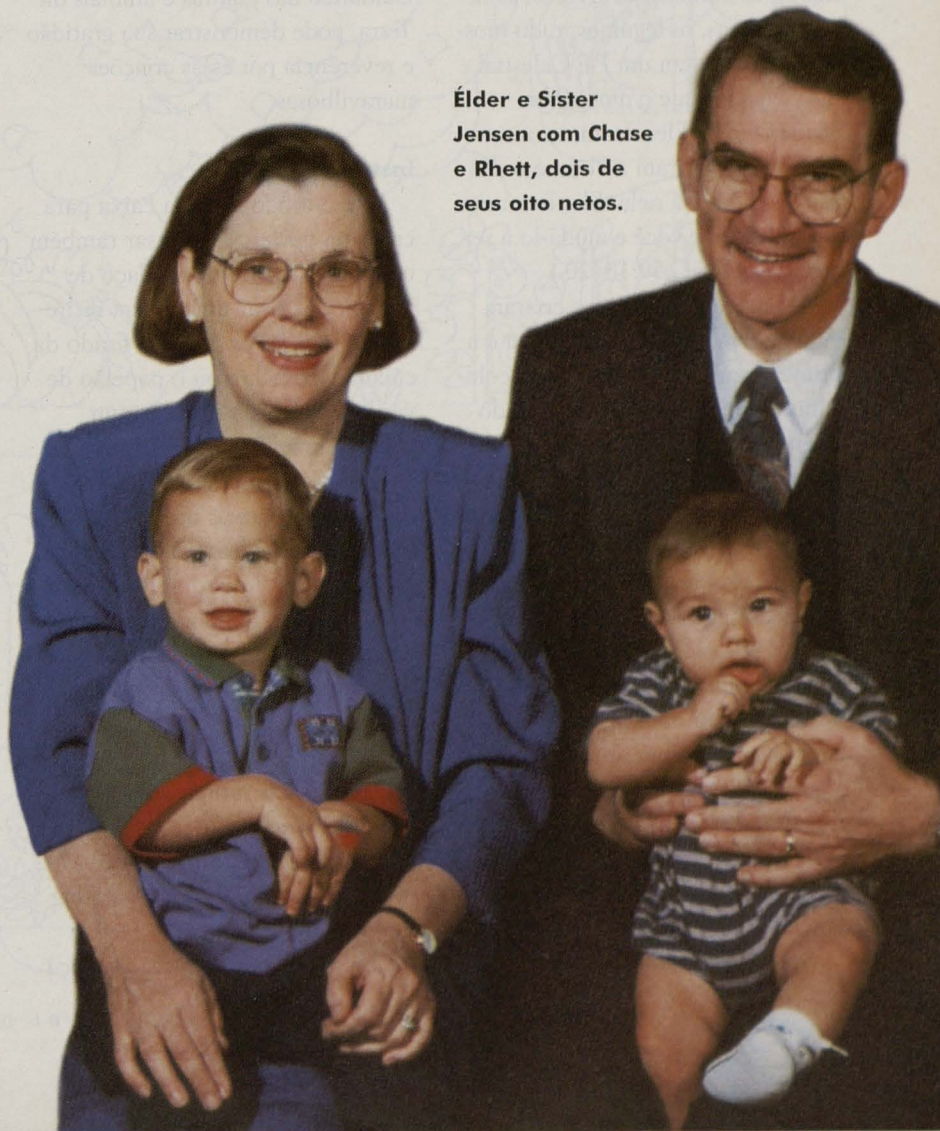
A quinta regra de fé era especialmente importante para mim quando eu era menino, não porque fosse feita para mim, mas porque nossa família vivia seus princípios. Ela diz: “Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos por quem possua autoridade, para pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças”. Minha Mãe e meu pai honravam, apoiavam e amavam seus líderes. Quando os líderes do sacerdócio nos pediam qualquer serviço, nós o fazíamos, pois acreditávamos que os chamados vinham de Deus por intermédio deles.

Lembro-me de minha despedida, quando fui para a missão. Eu estava orgulhoso de mim mesmo e, quando foi a vez de meu pai falar, pensei que ele ia dizer alguma coisa a meu respeito—sobre o bom missionário que eu seria e sobre o ótimo filho que eu era. Mas ele não disse uma coisa sequer a meu respeito. Ele subiu ao púlpito e prestou um dos mais vigorosos testemunhos a respeito do dízimo que eu já ouvi. Só quando estava na metade de minha missão foi que eu, pensando em seu testemunho, percebi o que meu pai tentara me dizer: “Não sei como vamos financiar sua missão, Jay, pois há épocas do ano em que ficamos sem trabalho.

Mas tenho fé que, se pagarmos o dízimo, poderemos fazê-lo”. E eles o fizeram. Nossos líderes do sacerdócio nos dizem que devemos pagar o dízimo e servir como missionários e, se seguirmos esses conselhos fielmente, seremos abençoados.

Incentivo todas as crianças a participarem da oração familiar com a

família, a estudarem as escrituras com a família e a irem à igreja com a família. Acho que, ao longo de minha vida, nada me influenciou mais do que essas três coisas. Da mesma forma que elas me fortaleceram, elas podem também fortalecer vocês espiritualmente e ajudá-los a tomar decisões importantes. □



**Élder e Suster  
Jensen com Chase  
e Rhett, dois de  
seus oito netos.**

# RESPEITO PELA CRIAÇÃO

**"Todas as coisas são criadas e feitas para dar testemunho de Mim; tanto as coisas temporais como as espirituais; coisas que estão acima nos céus, coisas que estão sobre a terra." (Moisés 6:63)**

Karen Ashton



Os céus e a Terra foram criados por Jesus Cristo sob a direção do Pai Celestial. O sol, as estrelas, os mares, os animais, as árvores, as flores, as frutas, os legumes, tudo mostra que você tem um Pai Celestial e um Salvador que o ama. (Ver Moisés 6:63.) Eles ficaram contentes quando criaram a Terra e todas as coisas que há nela. Eles a criaram para abençoar você e ajudá-lo a ser feliz. (Ver D&C 59:18-20.)

O Pai Celestial e Jesus criaram Adão e Eva, o primeiro homem e a primeira mulher na Terra, e os colocaram num lindo jardim chamado Éden. Adão recebeu ordem de cuidar do jardim (ver Moisés 3:15) e dar nome a "toda criatura vivente" (ver Moisés 3:19).

Você é parte da família de Adão e também pode ajudar a cuidar da Terra. Pode plantar uma flor, uma árvore ou um jardim para tornar a Terra mais bonita. As plantas fornecem oxigênio, alimento e abrigo. Você pode poupar água e comida, não usando mais do que precisa. Pode ajudar a manter a Terra limpa e bonita, apanhando qualquer lixo que encontrar por aí.

Você pode cuidar dos animais,

sendo amável com eles e dando-lhes alimento e abrigo. Os animais são nossos amigos e colaboradores. Foram dados a nós para nosso benefício e utilização e para alegrar-nos o coração. (Ver D&C 59:16-18.) Alguns deles nos ajudam a trabalhar, alguns nos dão alimento e material para fazermos roupas e outros são nossos companheiros de estimação.

Você pode agradecer essas bênçãos ao Pai Celestial quando orar. Cuidando das plantas e animais da Terra, pode demonstrar sua gratidão e reverência por essas criações maravilhosas.

## Instruções

Use o fundo de uma caixa para criar um jardim. Pode usar também uma cartolina ou um pedaço de papelão. Se usar uma caixa, retire um de seus lados. Pinte o fundo da caixa, a cartolina ou o papelão de verde. Monte a página 9 num papelão leve. Pinte as plantas e animais do jardim e recorte cada um deles. Dobre as orelhas nas linhas pontilhadas. Cole a orelha de cada peça do jardim na superfície do jardim, do modo que quiser. Se estiver usando uma caixa, pinte céu, nuvens e sol nas paredes da caixa.

## Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Chame sete crianças mais velhas para participarem de um jogral sobre a criação da Terra, usando Moisés 2 e 3 como roteiro, com cada criança

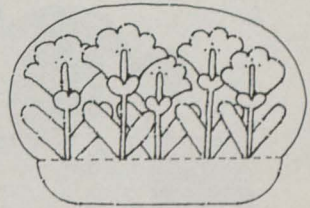
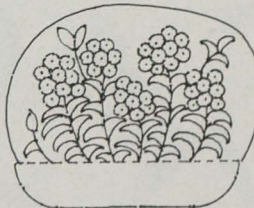
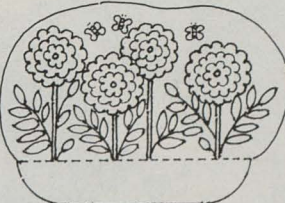
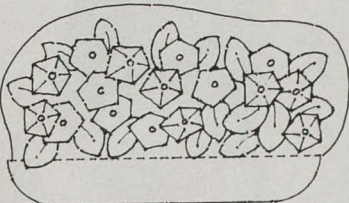
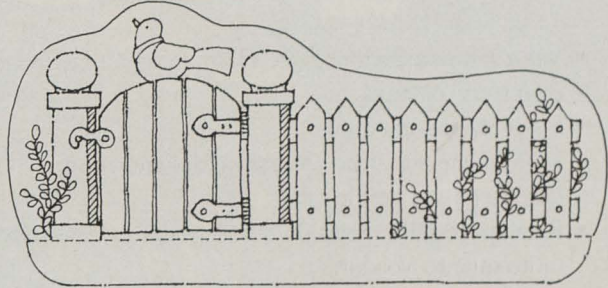
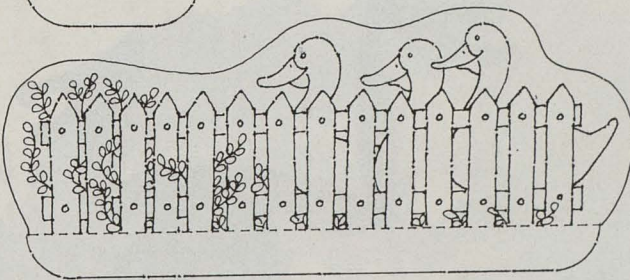
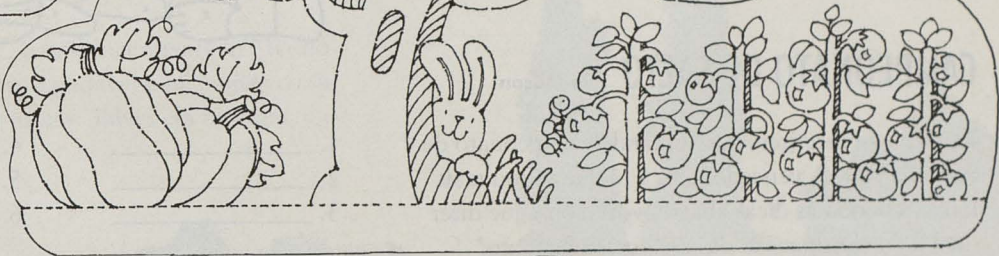
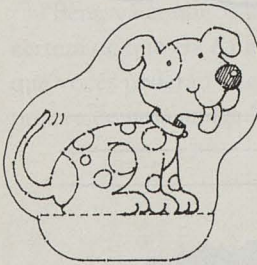
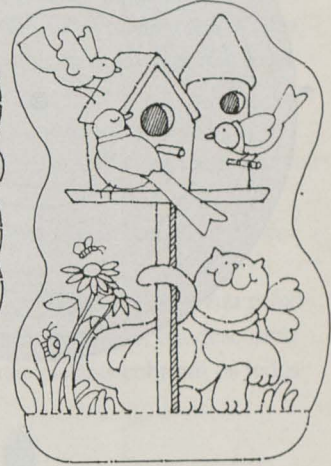
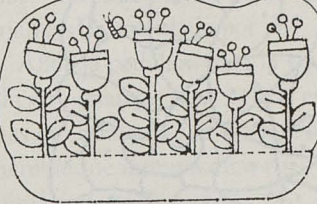
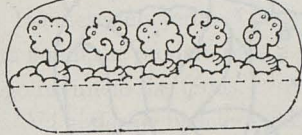
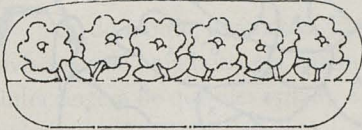
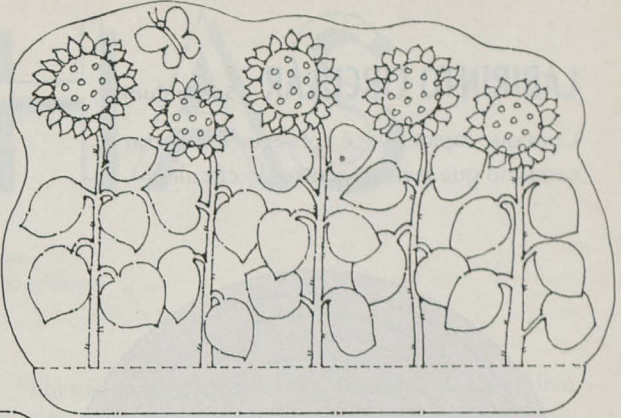
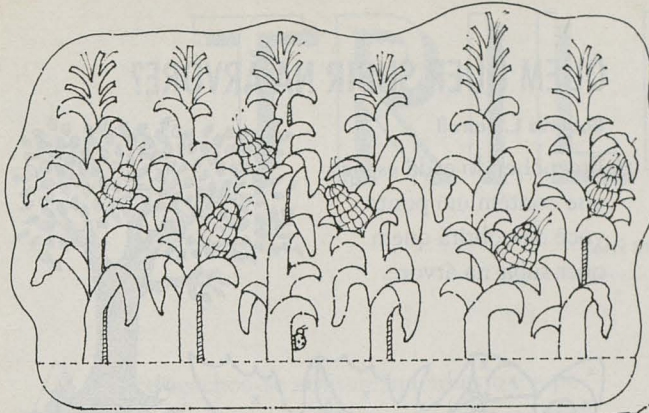
representando um dia. Cada uma deve segurar no alto uma gravura representando o dia que estiver narrando. O roteiro pode ser colado no verso da gravura.

2. Coloque na parede ou no quadro-negro figuras de diferentes animais e papéis com descrições do que cada um faz por nós. Brinque de relacionar o animal com a descrição do que ele faz.

3. Explique às crianças que nosso corpo está entre as maiores criações do Pai Celestial. Por ser sagrado e ser moradia de nosso espírito, devemos ser gratos pelo corpo que temos e cuidar bem dele.

4. Explique-lhes que nossos sentidos nos ajudam a desfrutar as belezas e generosidades da Criação. Debata cada um dos cinco sentidos com as crianças. Peça-lhes que (1) fechem os olhos e provem alimentos salgados, doces ou amargos; (2) fechem os olhos e toquem objetos macios, ásperos, rígidos, espinhosos ou frios; (3) usem os olhos para montar um pequeno quebra-cabeça ou descrever o que está na sala; (4) fechem os olhos e ouçam ruídos de algo rangendo, chocalhando, zumbindo ou quebrando; (5) fechem os olhos e cheirem coisas diferentes, como uma flor, baunilha, pão queimado e chocolate.

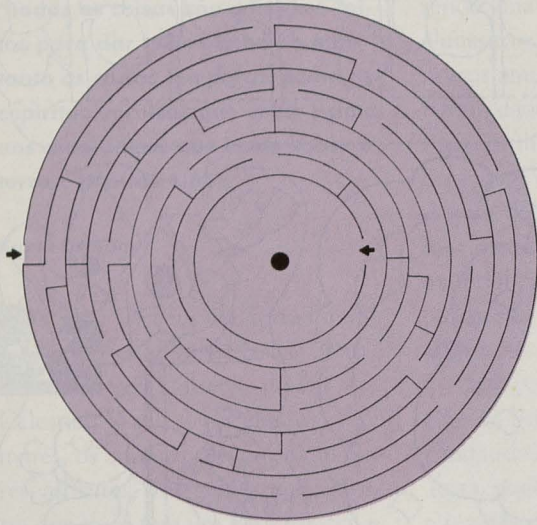
5. Converse sobre tipos de animais que as crianças gostam de ter como animais de estimação. Chame várias crianças para que contem o tipo de amor e cuidado que seu animal de estimação requer. Explique-lhes que todos os seres vivos são sagrados e devem ser tratados com respeito. □



ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

## LABIRINTO CIRCULAR Susan Curtis

Com que rapidez você consegue encontrar o caminho que leva ao centro do círculo?



## QUEM QUER SUBIR NA ÁRVORE?

**Roberta L. Fairall**

Preenchendo cada espaço que contém um ponto, você descobrirá quem quer subir na árvore.



## CAMPEONATO DE SALTO Jo Mason

Realizou-se recentemente o grande Campeonato de Salto de Rãs. A vencedora foi a rã que saltou mais longe. Usando as dicas abaixo, você consegue dizer qual foi a classificação das rãs no campeonato?

- Veloz saltou mais longe que Flash, mas não tão longe quanto Pernalonga.
- Flash chegou em quinto.
- Morosa comeu tantas moscas no desjejum que dormiu na sua vez de saltar.
- Relâmpago saltou mais do que Pernalonga, mas não tanto quanto Voadora.

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_
4. \_\_\_\_\_
5. \_\_\_\_\_
6. \_\_\_\_\_



Campeonato de salto: Voadora venceu, seguida de Relâmpago, Pernalonga, Veloz, Flash e Morosa.

ILUSTRADO POR FUMI KOSAKA

FICÇÃO

# TRILHAS

Terri Stines

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI

Alice agachou-se atrás de um arbusto e esperou. Sua bicicleta estava mais atrás, no topo do monte, escondida. Embora já estivesse lá havia mais de uma hora, ela esperava pacientemente. Tinha certeza de que eles viriam, e estaria preparada para eles.

Há meses ela tentava fazer amizades — desde que sua família se mudara para a pequena cidade de Buri, logo no início das férias.

“Vá andar de bicicleta pela vizinhança”, dissera sua mãe. “Tenho certeza de que vai conhecer alguém. Há crianças da sua idade por aí.”

Alice já pedalara para lá e para cá nas ruas de Buri. Ela vira crianças mais velhas e crianças mais jovens, mas nenhuma da sua idade. Nenhuma exceto uma menina que morava duas ruas mais para cima e andava numa cadeira de rodas.

“Bem, vá conhecê-la”, a mãe incentivara-a. “Tenho certeza de que ela é muito agradável e há muitas coisas que vocês poderão fazer juntas. Talvez ela também precise de uma amiga.”

“Ela não consegue andar de bicicleta”, dissera Alice, fazendo beijo. Sua bicicleta passara a ser a coisa mais importante de sua vida desde que decidira treinar para o Tour de France, uma das mais famosas corridas internacionais de ciclismo.

“Bem, vai ter que esperar o início das aulas, então”, dissera-lhe a mãe. “Haverá crianças da sua idade em sua classe.”

Assim, Alice continuou pedalando sozinha e triste pela vizinhança.

Então, um dia, enquanto passava por uma rua próxima às plantações, na periferia da cidade, ela descobriu uma trilha na mata. Algumas plantas cobriam os lados



da estrada e ela quase não viu a entrada da trilha.

Com a alegria de uma exploradora, decidiu sair da estrada e entrar pela trilha. Pedalando vagarosamente por sobre as plantas, Alice fez voar os vários insetos que se abrigavam sob as folhas. Pequenos esquilos e um coelho correram em busca de abrigo.

Após ter percorrido uma boa distância da trilha, e estando prestes a dar meia-volta e retornar, Alice chegou a uma clareira que ficava no meio de colinas baixas, cobertas de mato. No centro da clareira havia uma pista oval. Embora parecesse abandonada, a pista estava ainda em boas condições de uso.

*Minha própria pista de corrida!*, Alice pensou ao começar a percorrê-la. Então enxergou marcas de pneu de bicicleta na terra — duas marcas, cada uma com mais ou menos a mesma largura das marcas deixadas por seus próprios pneus.

Seguindo as marcas, percebeu que a distância entre elas era sempre a mesma. Quando uma marca fazia uma curva para a esquerda, a outra a seguia num arco perfeito!

*Devem ser duas amigas que pedalam juntas*, pensou

Alice, com ares de solidão. *Elas se conhecem bem o bastante para pedalar perfeitamente juntas. Gostaria de ter uma amiga assim.*

*Bem, por que não?*, pensou. Mesmo que as ciclistas misteriosas não fossem da sua idade, ou mesmo que fossem meninos, o que importava era que gostavam de andar de bicicleta.

Por isso ela estava esperando. Dois dias seguidos passou sentada, escondida atrás dos arbustos, na colina, ansiosa por conhecer os ciclistas. Ela já planejara tudo: quando chegassem, ela desceria o monte com sua bicicleta e toparia com eles como que por acidente. Então,



se tudo desse certo, ela ganharia dois novos amigos e eles todos pedalariam juntos, lado a lado.

Em seu terceiro dia de espera, ela ouviu um ruído na mata. Eles estavam chegando, finalmente! Alice não pôde acreditar quando viu a menina da cadeira de rodas, que morava duas ruas acima, entrar na pista.

*O que ela está fazendo aqui?* pensou, impaciente. *E se aqueles que estou esperando para se tornarem meus melhores amigos não vierem por causa dela?*

Ela observou a menina na cadeira de rodas ganhar velocidade. Ao alcançar a metade do percurso, a cadeira parecia voar, enquanto os braços musculosos da menina impeliam a cadeira para frente com fúria. Alice, impressionada, pegou a bicicleta e desceu rapidamente para falar com a menina.

“Oi! Meu nome é Cíntia”, disse a menina na cadeira de rodas quando Alice se aproximou. “Você tem uma bela bicicleta.”

“Oi! Eu sou Alice.” Vendo um cronômetro preso à cadeira de Cíntia, Alice perguntou, curiosa: “Em quanto tempo você deu uma volta?”

“Dois segundos menos que na semana passada”, respondeu Cíntia, orgulhosa. “Não ria, mas estou treinando para as Olimpíadas. Tenho certeza de que corrida de cadeira de rodas será um esporte oficial antes que eu me torne adulta.”

“Mesmo? Isso é incrível! Não ria, mas estou treinando para o Tour de France.”

“Bem, vamos treinar juntas, certo?” Cíntia saiu em disparada pela pista.

Alice sorriu e apressou-se para alcançar a amiga. Quando estavam quase completando uma volta, passando por uma parte irregular da pista, ela se apoiou na cadeira de Cíntia para equilibrar-se. Olhando para trás, viu na terra três marcas de pneu perfeitamente paralelas. □





FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS E DEANNE WALKER

FAZER AMIGOS

# BRYNJÓLFUR VÍDIR ÓLAFSSON

DE HAFNARFJÖRDUR, ISLÂNDIA

DeAnne Walker

**E**mbora ele tenha nome e sobrenome, todos conhecem Brynjólfur melhor por seu apelido. “Meu nome completo é Brynjólfur Vídir Ólafsson, mas meus amigos e minha família me chamam apenas de Binni”, diz ele com um sorriso.

Na Islândia, onde mora Binni, as pessoas geralmente são conhecidas por seu primeiro nome. Os islandeses ainda seguem a antiga tradição escandinava de usar seu sobrenome como uma forma simples de genealogia. Em vez de todas as pessoas de uma família terem o mesmo sobrenome, o nome de cada uma diz de quem é filho ou filha. Por exemplo, o sobrenome de Binni, Ólafsson, indica que ele é filho de Ólaf. Mas o nome de seu pai é Ólafur Einarsson (ele é filho de Einar), e o nome da mãe dele é Björg Marteinsdóttir (ela é filha de Martein). O nome do irmão de Binni é Matthías Orri Ólafsson, mas sua irmã é Unnur Erna Ólafsdóttir (ela é filha de Ólaf). Isto pode parecer confuso, mas para os islandeses é uma forma muito simples de acompanhar a história de sua família.

Binni tem nove anos e, como a maioria dos meninos de sua idade, tem muitos amigos. Ele tem amigos que moram na vizinhança e outros que em geral ele vê apenas na igreja. Nenhum de seus amigos SUD mora perto dele, por isso Binni espera com alegria os domingos,

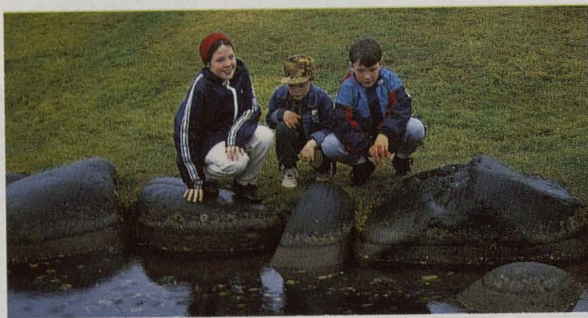


**Acima:** Pássaro desenhado por Binni.  
**À esquerda:** Binni e a família em visita ao porto.



quando ele e a família viajam de sua casa em Hafnarfjörður para Reykjavik para ir à igreja. Lá ele encontra Jonathan e Einar, e juntos aprendem sobre o evangelho, estudam as escrituras e falam sobre o dia em que servirão como missionários.

Após a escola e nos fins de semana, Binni passa muito tempo com dois outros amigos que moram perto dele. Eles fazem quase tudo juntos — brincam com os carrinhos em miniatura nas pedras de lava vulcânica do quintal da casa de Binni, brincam de um tipo de esconde-esconde, que lá se chama “one krona”, e eles gostam de jogar futebol. “Mas meu jogo predileto”, diz Binni, “é hafnarbolti (beisebol!)” Os dias de verão são muito longos na Islândia — na verdade, em junho e julho o céu nunca escurece. Durante esses meses, as crianças e os adultos passam o maior tempo possível ao ar livre e



Binni e seus amigos podem jogar bastante bola.

Durante os meses de inverno, porém, a luz do dia dura muito pouco — em Dezembro, o sol nasce mais ou menos às 11 horas e põe-se no início da tarde. Nessas longas horas de inverno, quando não pode ficar fora de casa, Binni gosta de desenhar e ler. Gosta especialmente de desenhar pássaros e ler a respeito deles. Seu predileto é uma andorinha do mar, um pequeno pássaro da família das gaivotas. Como a andorinha do mar é vista na Islândia apenas durante o verão, Binni pode só sonhar com as longas noites de verão, quando ele e o pai podem fazer caminhadas juntos e observar os pássaros. A casa de Binni é bem próxima do mar e fica a apenas alguns quarteirões de um belo porto. Binni e a família vão lá freqüentemente, juntos, para observar os navios e a bela paisagem.

A maioria das pessoas que moram na Islândia pertence à igreja do estado, e Binni, Unnur e Matthías são os únicos santos dos últimos dias na escola. Quando chegou a hora de seu batismo, Binni decidiu fazer um pouco de trabalho missionário. Disse aos pais que gostaria de convidar uma pessoa especial — sua professora! A mãe e o pai de Binni incentivaram-no a fazê-lo, mas avisaram-no de que talvez ela não aceitasse o convite. No dia do batismo, porém, lá estava ela! “Ela até ficou um pouco mais, depois do batismo, tomou um lanche conosco e fez algumas perguntas sobre a Igreja”, disse Binni. Ele ficou muito contente por ela ter aceitado seu convite e por seus primeiros esforços missionários terem sido bem sucedidos.

Às vezes se pode ver na Islândia uma borboletinha marron-acinzentada. As borboletas são muito raras na Islândia, e só de vez em quando se vêem insetos no ar. Quando alguém apanha uma dessas borboletinhas, é costume fazer um pedido. Quando lhe perguntaram o que gostaria de pedir, Brynjólfur pensou um pouco e depois respondeu: “Gostaria de pedir que nada de mau me aconteça e que eu tenha sucesso na vida e seja um bom membro da Igreja”. Parece que esse desejo já começou a se concretizar! □



## HERDEIRAS DE ACORDO COM O CONVÊNIO

**“Bem-aventurado és tu por teres recebido o Meu eterno convênio, a plenitude do Meu evangelho (. . .).” (D&C 66:2)**

**B**onnie D. Parkin, segunda conselheira na Presidência Geral das Moças, disse que o Pai Celestial abençoa cada uma de nós pessoalmente. Ela o sabe “porque o Pai Celestial estendeu Sua terna mão dos céus para oferecer amparo e auxílio a mim (. . .) porque fiz promessas e convênios que mudaram minha vida, sempre que os cumpri”. (*A Liahona*, julho de 1995, p. 83.)

Convênio é uma promessa mútua realizada entre Deus e nós. Ele dá origem ao convênio, estabelece seus termos, promete abençoar-nos (ver D&C 82:10; 98:3; 130:20–21) e executa-o por meio dos portadores de Seu sacerdócio. Nós prometemos cumprir o acordo. Quando assim o fazemos, as bênçãos que recebemos e o esforço despendido promovem a obra do Senhor, além de fazer com que nos tornemos mais semelhantes a nosso Pai Celestial.

### TORNARMO-NOS HERDEIRAS DE DEUS

Quando fazemos convênios, o que normalmente acontece por meio de uma ordenança, estabelecemos um relacionamento sagrado com Deus. Por exemplo: quando somos batizadas e recebemos o dom do Espírito Santo, somos consideradas filhas de Deus. (Ver Moisés 6:64–68; Mosias 5:7.) Como tal, tornamo-nos “herdeiros de Deus, e

co-herdeiros de Cristo”. (Romanos 8:17.) Tomar o sacramento faz-nos lembrar desse convênio, incentivando-nos a recordar-nos de Jesus, recebendo nós a promessa de que o Espírito Santo estará conosco se o fizermos. As ordenanças do templo possibilitam-nos fazer outros convênios que nos ajudam a amadurecer espiritualmente e preparar-nos para a exaltação no reino celestial.

### “REGOZIJA-TE E APEGATE AOS CONVÊNIOS”

Uma vez tendo feito convênios com Deus, tornamo-nos emissários da mensagem do evangelho para todos os filhos do Pai Celestial. Há muitas maneiras de o fazermos. A mais elementar é a obra missionária e a história da família, juntamente com um esforço para alcançarmos nosso próprio aperfeiçoamento e o de nossa família utilizando os meios supridos pelo Senhor. Nosso grandioso chamado é “vir a Cristo” e ajudar outros a fazerem o mesmo. Com frequência, atingimos esse objetivo

simplesmente estando onde devemos estar e fazendo o que nos comprometemos a fazer nos convênios com o Senhor.

A irmã Rosemary Curtis Neider lembra-se de uma época em que, aproximando-se o fim do mês, ela não havia feito as visitas de professora visitante. Ficou tentada a dar apenas alguns telefonemas, mas sentiu que deveria fazer as visitas. Quando estava na casa de uma irmã menos-ativa, a irmã Rosemary sentiu que deveria ler para ela algo a respeito da visita do Salvador aos nefitas. Contamos a irmã Rosemary: “Ela ficou concentrada por mais tempo do que eu esperava e repetia sem parar: ‘Coloque um pedacinho de papel aqui para que eu consiga encontrar depois. Coloque um aí também’.

O que posso dizer? Senti a forte presença do Espírito em seu lar, e já não importava que eu estivesse vivendo um mês muito atarefado. Senti-me grata e mais forte durante muitos dias após essa visita”. [em *To Rejoice As Women: Talks from the 1994 Women’s Conference* (Regozija-se como Mulheres: Discursos da Conferência de Mulheres de 1994), Salt Lake City: Deseret Book Company, 1995, pp. 67–68.]

Como mulheres do convênio, temos muitas razões para “regozijar(mo-nos) e apegar(mo-nos) aos convênios que fize(mos)”. Quando guardamos nossos convênios, é-nos prometida a “coroa da justiça”. (D&C 25:13–16)

•Por que é importante fazer e guardar convênios?

•Quais são alguns convênios que lhe trouxeram alegria? □



# PREPARAR-SE PARA ENSINAR

Você tem o hábito de preparar suas aulas no último minuto? Caso o tenha, provavelmente sente-se encurralado pelo tempo. Que tal descobrir uma forma de livrar-se dessa armadilha? Aqui estão algumas idéias.

Ray L. Larsen

Muitas pessoas descobriram a alegria de ensinar o evangelho, mas há outra alegria a ser descoberta, que também está associada ao ensino do evangelho: a alegria de preparar-se. Com freqüência, consideramos a preparação da aula como uma tarefa a ser postergada até o último momento. Como a oração apressada, o preparo da aula no último minuto torna-se, normalmente, algo superficial e pouco eficaz.

Eu mesmo já me preparei desse modo, mas também já obtive grande satisfação preparando-me bem para ensinar. A preparação pode proporcionar-nos momentos de oração significativa e de pensamentos profundos. Descobri que ela pode ser uma agradável oportunidade de adoração, introspecção, entendimento e inspiração.

É claro que muito pouco acontece por acaso. A preparação eficiente e agradável é o resultado de planejamento cuidadoso, aliado à fidelidade ao princípio. Meu modo pessoal de preparar as aulas de maneira eficaz é o seguinte:

**1. Fazer uma rápida leitura da lição com, pelo menos, uma semana de antecedência.** Ler os tópicos, as escrituras principais e os conceitos genéricos. Uma vez que tenha em mente algumas idéias centrais e as escrituras, aproveito a semana inteira para relacioná-las com a vida do dia-a-dia. Durante a semana, tomo nota das idéias que me ocorrem. Quando me sento para terminar de preparar a aula, já formei alguns conceitos e

impressões pessoais a respeito do conteúdo da lição.

**2. Encontrar um lugar fixo para estudar e preparar a lição.** Eu preparo minhas aulas na mesa da cozinha. Sendo que uso o mesmo local todas as semanas, associo a ele muitos momentos espirituais e de profunda alegria. As lembranças que guardo da preparação de aulas anteriores me ajudam a atingir o estado de espírito adequado para o estudo. Estar sozinho também é importante. Gosto de estudar pela manhã, bem cedinho, mas qualquer que seja o horário em que você consiga pensar sem ser interrompido ou importunado funcionará bem.

**3. Reunir todos os livros e outros materiais necessários.** As escrituras e os manuais de lições, naturalmente, são os livros básicos, mas podem-se encontrar outras idéias e inspiração nas revistas da Igreja e em outras fontes. Quando tudo o que preciso está ao meu alcance, consigo dar mais atenção ao material da aula e concentrar-me no espírito da preparação.

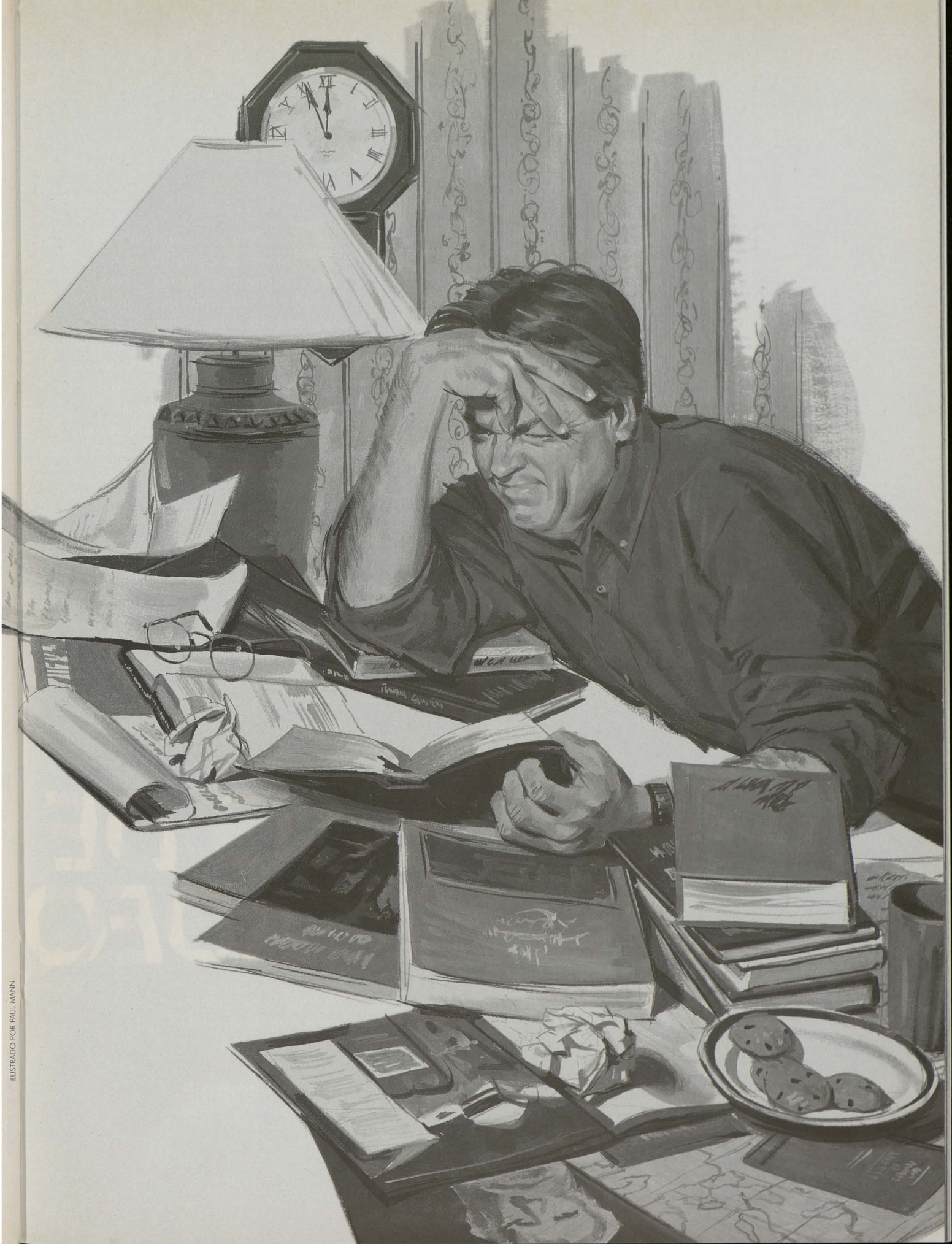
**4. Ponderar e orar ao preparar-se.** É nesse momento que, freqüentemente, vislumbramos novas perspectivas. Quando examinamos o conteúdo da lição mais profundamente, começamos a formar um quadro mais nítido de como dar a aula.

**5. Organizar as idéias e planejar a apresentação.** Ao seguir esses passos, é comum descobrir que aprendi muito mais do que o tempo da aula me permitirá apresentar. A parte final de minha preparação consiste em organizar o que preparei e planejar como apresentarei a lição, de modo a não deixar de lado os pontos principais.

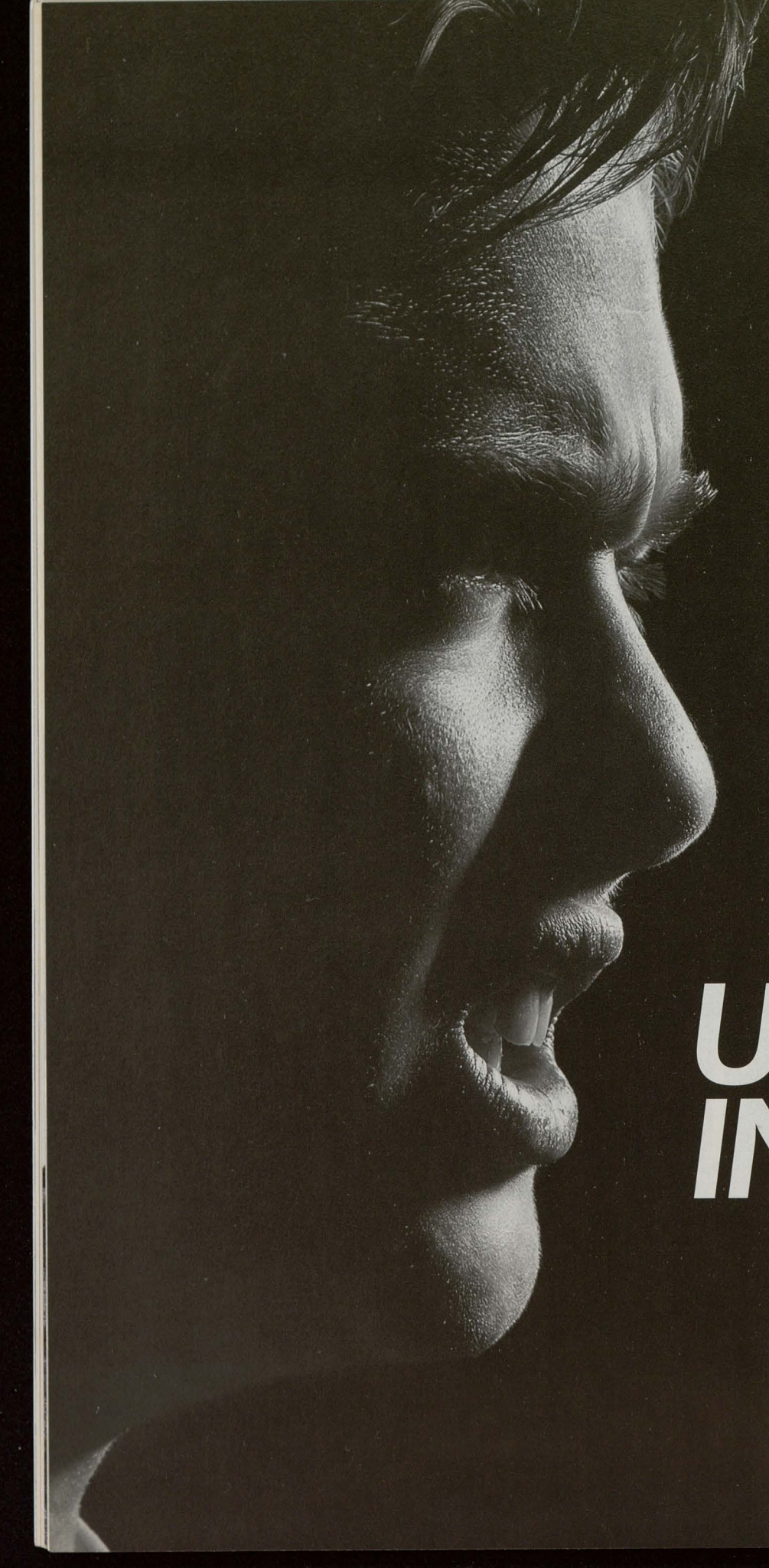
Qualquer que seja a aula a ser dada, a necessidade de preparação é a mesma. O preparo eficaz ajuda-nos a ensinar “pelo Espírito, o Consolador, o qual foi enviado para ensinar a verdade” possibilitando, tanto ao professor como aos alunos, compreenderem-se “um ao outro” e serem “ambos (...) edificados e juntos se [alegrem]”. (D&C 50:14, 22) □



ILUSTRADO POR PAUL MANN



ILUSTRADO POR PAUL MANN



**Élder Robert K. Dellenbach**

Dos Setenta

FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

**F**azer parte da equipe de basquete da escola foi, provavelmente, minha maior façanha esportiva. Era emocionante fazer parte dela e treinar com os outros jogadores.

Ainda me lembro do que aconteceu certo dia durante um dos treinos. Um de nossos jogadores perdeu uma jogada. Alguns minutos depois, cometeu outro erro. Dessa vez, disse um palavrão e o treinador ouviu.

O treinador Fishburn era um dos homens mais notáveis que eu já conhecera. Era inteligente e conhecia não só o jogo de basquete, mas também os jovens. Depois do treino, ele chamou-nos para falar a respeito do jogo daquele dia. Aproveitando a ocasião, mencionou o uso de palavrões. “Um bom atleta não precisa dizer palavrões”, comentou. “Ao dizer nomes feios,

# USO DE INADEQU

**Você usa a mesma boca para orar, prestar testemunho e abençoar o sacramento. Tenha o cuidado de conservá-la limpa.**

o atleta só se rebaixa e isso faz com que ele pareça um fraco. Os grandes homens não precisam usar linguagem obscena — isso só os diminui perante as outras pessoas.”

Apesar de minha carreira no basquete ter sido breve, as palavras do treinador Fishburn ficaram para sempre gravadas em minha mente. “Os grandes homens não precisam usar linguagem obscena.”

Ouvimos recentemente a seguinte notícia no rádio: “Os cientistas anunciaram hoje que desenvolveram uma nova maneira de enxergar dentro do cérebro humano”. Trata-se de uma nova e complexa máquina utilizada no diagnóstico de doenças.

Uma notícia para os cientistas: Todas as vezes que alguém abre a boca, revela o que se passa em seu cérebro. Na realidade, esse método simples é tão preciso que nos

permite enxergar algo ainda mais profundo que o cérebro. Permite que se vislumbre como é o espírito de uma pessoa. É verdade. As palavras que alguém utiliza e sua maneira de falar revelam quem ele é em seu íntimo.

Depois de conversar com uma pessoa durante algum tempo, você não começa a formar uma impressão que pode durar anos? O mesmo acontece quando outras pessoas o escutam. Elas formam impressões a seu respeito que podem ter efeitos a longo prazo. Se o que escutam é enaltecido, formam uma imagem positiva a seu respeito e a respeito do que você representa. Se, porém, o que escutam é degradante ou indecoroso . . .

Conheço um homem chamado Tom que concordou em levar seu filho Michael e alguns dos seus companheiros da equipe de futebol

a um jogo no sábado. Os meninos faziam muito barulho no carro e Tom estava ficando irritado, tentando achar um campo de futebol que não sabia onde ficava. Sem conseguir concentrar-se na direção, Tom bateu em outro carro. O acidente foi pequeno, mas Tom demonstrou sua contrariedade dizendo um palavrão.

Mais tarde, o pequeno Michael perguntou à mãe se seu pai era membro da Igreja. Michael havia aprendido que os bons mórmons não xingam. A mãe ficou surpresa e disse: “Claro que seu pai é membro da Igreja”.

“Bem, papai pode ser mórmon, mas sei que ele não é escoteiro!” replicou Michael.

Será que alguém, escutando o que você diz, pensaria: “Bem, ele pode ser mórmon, mas com certeza não é cristão”?

# LINGUAGEM QUADA

**As palavras que alguém utiliza e sua maneira de falar revelam quem ele é em seu íntimo.**

O uso de palavras não traz bem algum, só traz mal. É devido a muitas pessoas acharem o uso de palavras algo ofensivo e degradante, você está demonstrando insensibilidade quando faz uso deles. As pessoas podem até tolerar seu uso, mas dificilmente ficam bem impressionadas e, normalmente, seu respeito pela pessoa que os usa diminui.

Além de palavras, há outros tipos de palavras que também são prejudiciais — talvez até mais. São palavras que ofendem as pessoas devido a sua raça, a uma deficiência física ou porque, de alguma forma, elas não se encaixam em determinado grupo social. A utilização dessas expressões certamente ofende nosso Salvador, que ama todas as pessoas a despeito de raça, aparência física ou classe social.

Naturalmente, a linguagem mais ofensiva é a que desonra a Divindade. O uso dos nomes do Pai Celestial e do Salvador em vão é um pecado de grandes proporções. (Ver Êxodo 20:7.) O Senhor certamente se ofende quando denegrimos Seu nome.

Somos instruídos a louvar a Deus e orar a Ele. A oração é a mais bela forma que temos de nos comunicar, o perfeito oposto da linguagem imprópria, e revela também quem somos em nosso âmago. Como diz o hino, a oração expressa o desejo sincero da alma. (Tradução direta do hino nº 145 do hinário em inglês.)

Imagine as palavras ditas por Jesus ao Pai, enquanto entre os nefitas, depois de Sua ressurreição! Haverá

palavras mais belas do que uma oração do Salvador ao Pai? “E não há língua que possa expressar nem homem que possa escrever nem pode o coração dos homens conceber coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer (. . .).” (3 Néfi 17:17)

Vemos, assim, os dois extremos a que pode chegar nosso linguajar. O extremo inferior é quando falamos obscenidades e usamos o nome do Senhor em vão; o superior, quando oramos sinceramente ao Pai Celestial.

Em uma carta à Igreja em 1887, a Primeira Presidência declarou: “O hábito adquirido por alguns jovens de usar termos vulgares ou obscenos deve merecer atenção. (. . .) Não somente é ele ofensivo às pessoas de boa educação, mas é também um grande pecado aos olhos de Deus e não deve existir entre os filhos dos santos dos últimos dias”.

Os missionários aprendem que têm somente uma chance de causar uma boa primeira impressão. O que eles dizem e como o dizem revela ao membro da Igreja em potencial muito sobre eles, sua família e a Igreja. Não é diferente conosco. É pela fala que dizemos aos outros como nos sentimos a seu respeito e como nos sentimos a respeito de nós mesmos.

As palavras descrevem nossos pensamentos e mostram quem somos de diversas maneiras. Como membros da Igreja do Senhor, lembremos de que o Senhor e as outras pessoas estão escutando. □



# O TESTE DO PAPAI

Carolee H. Smith

**H**á algum tempo, eu estava tirando o mato do jardim quando ouvi meu filho de seis anos usar uma palavra grosseira que havia aprendido no parquinho da escola. Até então, eu sempre ameaçara, reprendera e passara sermões quando essas palavras saíam da boca de meus filhos, mas, naquele dia, eu tive uma idéia melhor.

Chamei meu filho para uma conversa. Perguntei-lhe se ele já ouvira seu pai dizer palavras como aquela. Ele negou com a cabeça. Disse-lhe que muitas pessoas usam palavras impróprias, mas que o pai dele dá à família o exemplo de nunca usar essas palavras. Mesmo no trabalho, onde essas expressões são comuns, a maioria das pessoas já sabia que seu pai não gostava de linguagem vulgar e por isso usavam apenas palavras educadas quando ele estava por perto.

Juntos, meu filhinho e eu começamos uma nova estratégia familiar, que chamamos de "Teste do Papai". Em caso de dúvida sobre o caráter de uma palavra, simplesmente pensamos se o papai a usaria ou não e agimos de acordo com a resposta.

Desde aquele dia no jardim, usamos o Teste do Papai freqüentemente em casa. Hoje é raro ouvirmos uma palavra imprópria. Sou grata por ter um marido que estabelece o padrão para o Teste do Papai! □



# O INIMIGO NA SARJETA

John Bytheway

**N**unca me envolvi em brigas na escola. Ainda bem. Não sou muito grande e não acho muita graça em cortes e contusões.

Uma vez, porém, entrei numa briga, voltando da escola, que durou algumas semanas. Meu oponente tinha apenas 28 centímetros de altura, mas aquela foi uma das batalhas mais duras que jamais enfrentei. Essa luta foi com uma revista.

Minha escola podia ser vista do terraço de nossa casa e eu ia e voltava a pé. Uma tarde, enquanto atravessava a faixa verde do gramado que separava a calçada da escola da rua, notei uma revista aberta junto ao meio-fio. No início não vi o que era; depois percebi que era pornográfica. Rapidamente afastei meus olhos da sarjeta e continuei caminhando para casa.

Foi assim que a batalha começou. Todos os dias, ao ir para a escola, e todos os dias, ao voltar, tinha de enfrentar a tentação que estava lá na sarjeta.

Pensando naquilo agora, fico imaginando por que não peguei a revista e joguei no lixo. Mas eu não queria nem tocá-la. E se alguém me visse com ela? Ou se meu pai visse a revista em nossa lata de lixo? Ou se eu a pegasse e visse mais do que desejava?

A cada dia minha mente formulava alguma boa desculpa: "Talvez seja bom você saber o que está ali, porque assim vai ficar sabendo o que acontece no mundo", ou "Você não quer ser um rapaz super protegido e ingênuo, quer? Que mal há, afinal de contas? Mais tarde você se arrepende. Quem vai saber?"

Um dia, no seminário, nosso professor mencionou que Jesus respondia a cada uma de Suas tentações com uma

escritura. Isso me pareceu uma boa idéia.

Folheando os livros de escritura encontrei um versículo sobre lutar contra tentações: "Mas que vos humilheis perante o Senhor e invoqueis seu santo nome e vigieis e oreis continuamente para não serdes tentados além do que podeis suportar". (Alma 13:28)

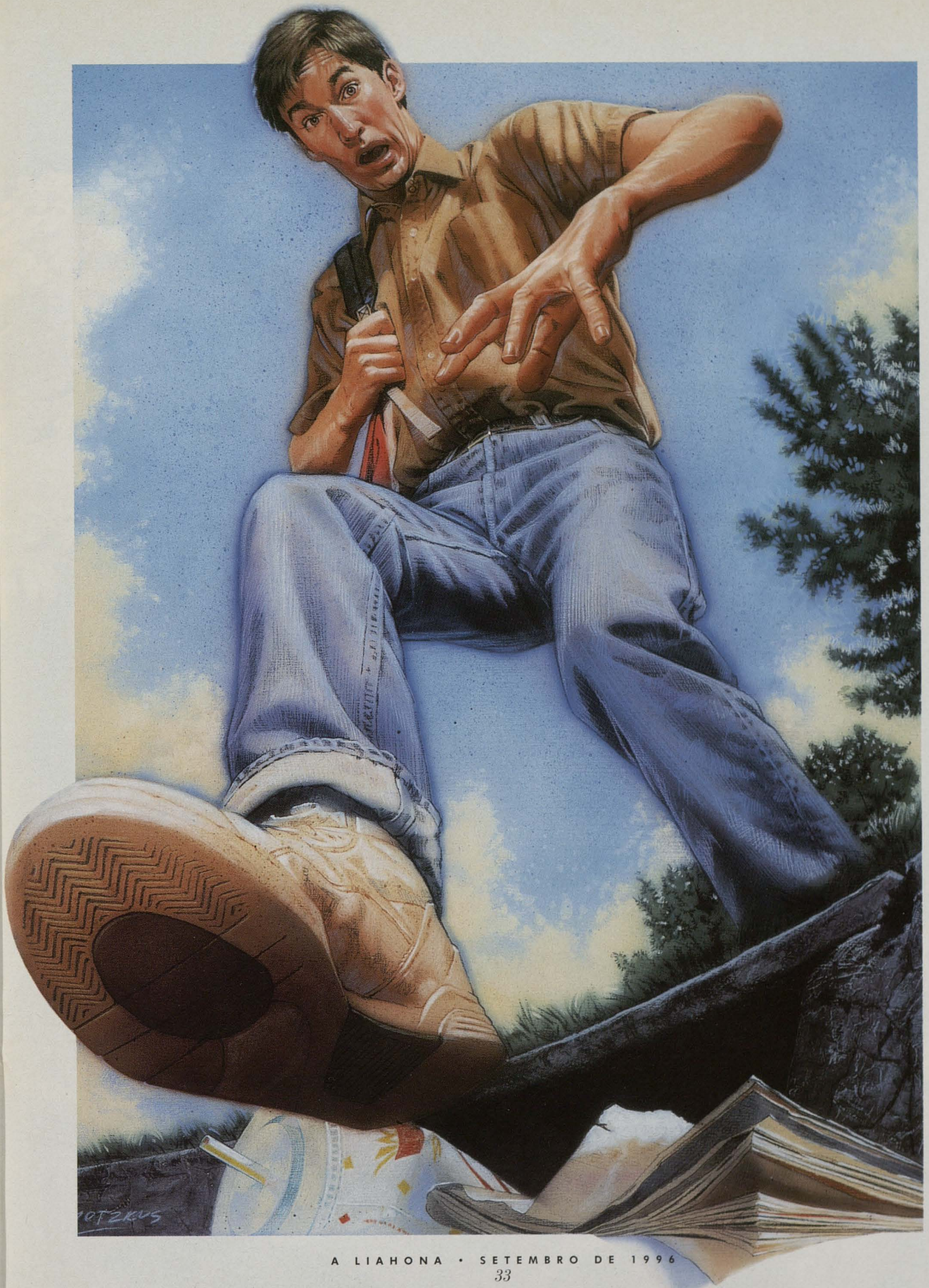
Encontrei outro versículo que me ajudou no Novo Testamento: "Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar". (I Coríntios 10:13)

Essa era uma fórmula que eu podia usar: humilhar-me, vigiar e orar continuamente e ter confiança de que Deus me ajudaria a encontrar um meio para escapar à tentação. Comecei a atravessar a rua num lugar diferente e aqueles dois versículos me ajudaram no decorrer dos dias, enquanto a revista continuava na sarjeta.

Uma tarde, percebi que a revista já não estava lá. Pela aparência do bueiro, via-se que um varredor de rua passara por ali. Um varredor de rua — muito adequado, pensei.

Deus forneceu-me um meio de escape e, juntos, vencemos a luta. A curiosidade, a racionalização e a preguiça não são páreo para a coragem, o autocontrole e a firmeza mental.

A vitória nas batalhas físicas exige força, músculos e aptidão; mas a luta nunca é mais difícil nem a vitória mais doce do que nas batalhas contra a tentação. Não, nunca entrei em brigas na escola, mas com um pouco de ajuda das escrituras venci uma revista de 28 centímetros. □



ILUSTRADO POR ROGER MOTZKUS



# A ÁRVORE DA VIDA

## O SONHO DE LEÍ—UMA VISÃO DE MUITOS

“**E**is que sonhei um sonho ou, em outras palavras, tive uma visão.”

Com essas palavras, o profeta do Livro de Mórmon, Leí, revela uma visão divina que testifica do amor de Deus por Seus filhos e o desejo de que eles voltem a Sua presença. Na visão, o amor de Deus é simbolizado por uma “árvore cujo fruto era desejável para fazer uma pessoa feliz”. A esposa de Leí, Saria, e dois dos filhos, Sam e Néfi, atenderam a seu convite de juntar-se a ele na árvore. Mas, para sua tristeza, os filhos rebeldes, Lamã e Lemuel, “não quiseram ir ter comigo e comer do fruto”.

Leí percebe que, apesar de “inumeráveis multidões de pessoas” andarem pelo caminho da vida em direção à árvore, muitas se perdem. Aqueles que se agarram a uma barra de ferro simbólica, acabam por chegar à árvore e comer do fruto.

Mesmo depois de provar do fruto do qual Leí dissera “encheu-me a alma de imensa alegria”, alguns, ainda assim, “desviaram-se por caminhos proibidos”. Muitos sucumbiram às zombarias dos que se encontravam em um “grande e espaçoso edifício”. (1 Néfi 8:2–35)

Néfi, filho de Leí, teve a mesma visão e recebeu a interpretação de seu simbolismo. (Ver 1 Néfi 11–14; 15:21–36.) A partir de imagens da visão de Leí, conforme interpretada por Néfi, artistas santos dos últimos dias de todas as partes do mundo valeram-se de diferentes meios de comunicação, ao longo do tempo, para expressarem seus testemunhos. As páginas a seguir contêm algumas dessas representações, lembrando-nos de dar “ouvidos à palavra de Deus e [lembrando-nos] de guardar seus mandamentos, sempre, em todas as coisas”. (1 Néfi 15:25)

*À esquerda:* O Sonho de Leí, 1995, por Kurt Sjökvist, Mockfjärd, Suécia; madeira entalhada e pintada (157 x 101 x 101 cm). A referência de Leí a “um campo grande e espaçoso que parecia um mundo” é interpretada como sendo um globo, sobre o qual a alegoria é apresentada.

*Abaixo, à esquerda:* A Árvore da Vida,

1990, de Kazuto Uota, Osaka, Japão; tinta e gesso sobre madeira (139 x 138 cm).

*Abaixo, à direita:* A Liahona, 1990, de Lowell Fitt, San Ramon, Califórnia, Estados Unidos; metal e vidro (16 x 11 x 11 cm). A árvore da vida é mostrada acima da concepção do artista da Liahona, a qual guiou Leí no deserto.



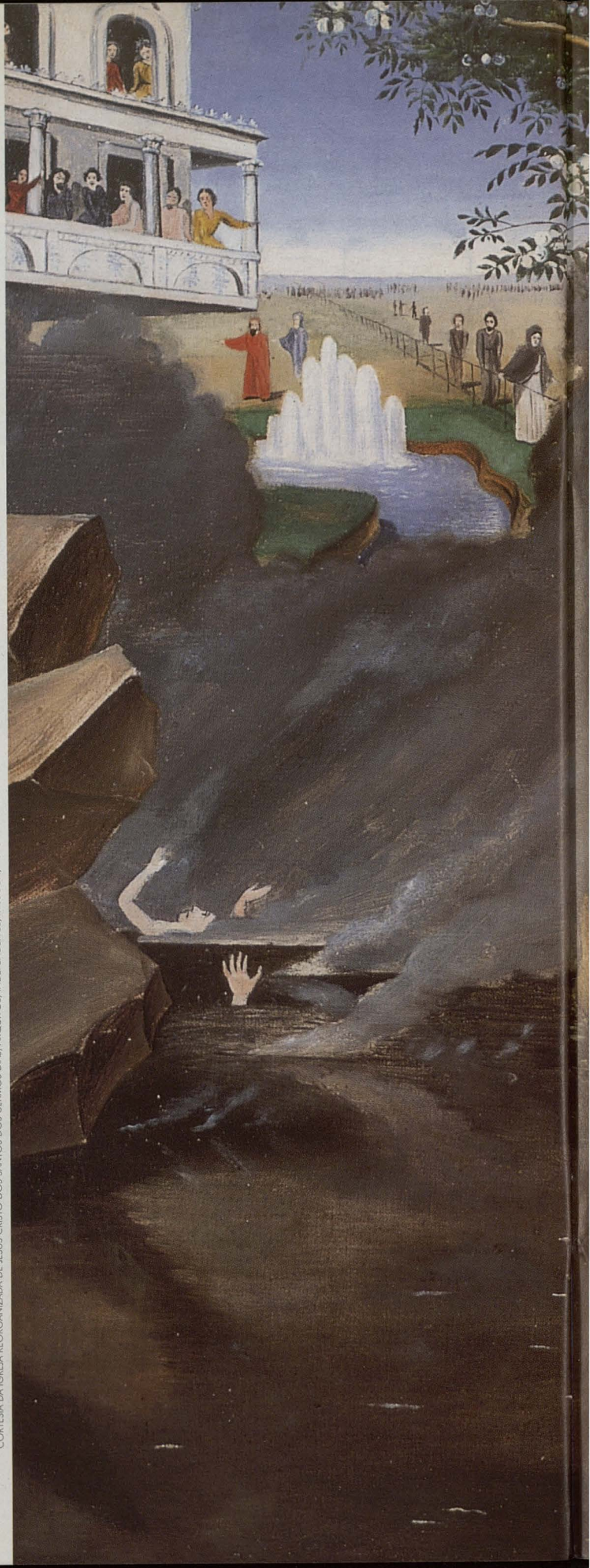
AS INFORMAÇÕES PARA ESTE ARTIGO FORAM FORNECIDAS POR MARK STAKER, MUSEU DE HISTÓRIA E ARTE DA IGREJA.



À esquerda: Joseph Smith e a Árvore da Vida, 1987, de Juan M. Escobedo, Caliente, Nevada, Estados Unidos; óleo sobre madeira (127 x 76 cm). O Profeta Joseph Smith mostra o caminho em direção à árvore da vida nesta interpretação folclórica de arte mexicana.

Abaixo: A Barra de Ferro e a Árvore da Vida, 1994, do artista navajo Harrison Begay Jr., Española, Novo México, Estados Unidos; barro cozido (23 x 18 x 18 cm).

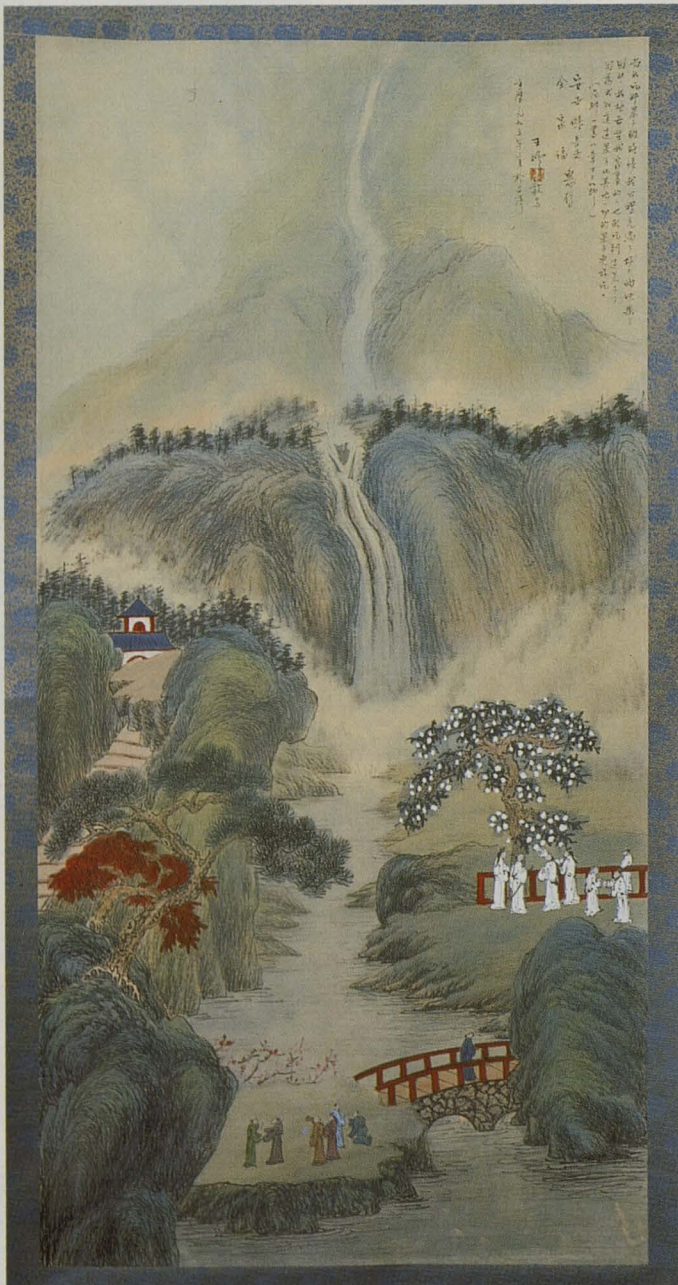
À direita: O Sonho de Leí, aprox. 1875, de David Hyrum Smith, óleo sobre tela (61 x 45 cm). O artista nasceu poucos meses depois de seu pai, o Profeta Joseph Smith, ter sido assassinado em 1844. Na pintura, Leí está acompanhado pelo "Espírito do Senhor". (Ver 1 Néfi 8:5-6; 11:11.)



CORTESIA DA IGREJA REORGANIZADA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, ARQUIVOS, INDEPENDENCE, MISSOURI; FOTOGRAFIA DE R. T. CLARK



À direita: O Sonho de Leí, 1984, de Dar Churcher, Victoria, British Columbia, Canadá; cera de abelhas sobre papel de arroz (71 x 61 cm). O artista sugere que alguns dentre os que se dirigem para a árvore da vida podem ser atraídos pelas árvores estéreis no lado direito da gravura.



À esquerda: A Árvore da Vida, 1995, de Wang, Xiu, Chang-hua, Taiwan; pintura a têmpera sobre seda (170 x 68 cm). Esse estilo de pintura em "cascata" concentra-se na alegria de se compartilhar o evangelho com a família. A inscrição cita 1 Néfi 8:12.

Abaixo: A Visão de Leí da Árvore da Vida, 1992, de Robert Yellowhair, Snowflake, Arizona, Estados Unidos; óleo sobre tela (121 x 76 cm). O artista utiliza símbolos tradicionais para expressar sua crença de que os índios americanos são descendentes de Leí.

À direita: Familiarizar-se com as Escrituras, 1993, de Taichi Aoba, Sai jo-Shi, Ehime-ken, Japão; barro cozido (35 x 26 x 10 cm). A visão de Leí da árvore da vida apresenta-se rodeada de outras histórias importantes do Livro de Mórmon.





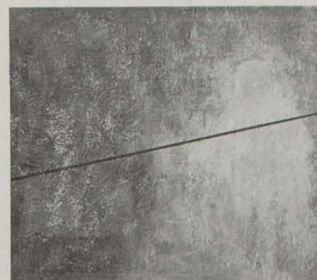


A Árvore da Vida, 1995, de Jeronimo Lozano Lozano, Salt Lake City, Utah, Estados Unidos; gesso de Paris pintado sobre madeira (122 x 96 x 18 cm). Utilizando-se dos compartimentos de um retablo tradicional peruano, o artista mostra o sonho de Leí em seqüência.

**À direita:** A Barra e o Véu, 1975, de Franz Johansen, Provo, Utah, Estados Unidos; bronze fundido (252 x 213 x 16 cm). A mão do Salvador crucificado estende-se através do véu entre a mortalidade e a imortalidade e torna-se uma extensão da barra de ferro. O menino esforça-se para agarrar a barra.

**Abaixo:** Árvore da Vida, 1994, de Abu Hassan Conteh, Freetown, Serra Leoa; aplique, tecido sobre tecido (152 x 99 cm).

O convênio que Leí, de cabelos brancos, está fazendo com o Senhor é aqui representado pelo gado, um objeto de troca tradicional usado para celebrar contratos sagrados na África. Sua família, na parte superior direita, segue em direção à árvore, mas Lamã e Lemuel e mais duas figuras, em posição sentada, estão interessados somente em coisas mundanas.



**Acima:** A Barra de Ferro, 1989, de Johan Helge Benthin, Hoshstadt, Alemanha; óleo sobre tela (78 x 71 cm). O artista concentra-se em um único elemento do sonho de Leí, a barra de ferro, que leva à figura resplandecente que representa o Salvador. □



# JOSÉ, FILHO

J. Todd Martin e Lisa A. Johnson



Você já leu uma escritura que lhe assentasse como umá luva? Que lhe desse conselhos e o encorajasse em uma situação específica? Que parecesse ter sido escrita especialmente para você?

A família Szamosfalvi de Miskolc, na Hungria, encontrou tal versículo. José Szamosfalvi e seu pai, também chamado José, sorriram quando leram 2 Néfi 3:15, no qual José do Egito profetiza a res-

peito da restauração do evangelho nos últimos dias:

“E seu nome será igual ao meu e será chamado pelo nome de seu pai. E ele será semelhante a mim; porque aquilo que o Senhor fizer através de sua mão, pelo poder do Senhor, levará meu povo à salvação.”

Os Szamosfalvis sabem que essa escritura se refere a outros “Josés”, Joseph Smith Jr. e seu pai, e eles são muito humildes para pensar em aplicá-la a si próprios. Ainda assim, os nomes são os mesmos e o poder do Senhor tem-se feito presente para ajudá-los a levar o evangelho às pessoas.

Entre os muitos que José, de 15 anos, e sua irmã de 19 anos, Alexandra, ajudaram a receber o evangelho estão seu pai e sua mãe.

Talvez tenham sido os pais que ajudaram os filhos. Foram eles os primeiros a encontrar os missionários no centro da cidade e convidá-los para almoçar em sua casa. Os Szamosfalvis tinham sido criados sob um regime no qual o cristianismo, ou qualquer outra religião, era desencorajado. A mensagem do evangelho era-lhes bastante estranha, mas ainda assim se interessaram.

“Senti que a mensagem dos missionários era verdadeira”, diz José. “Eu tinha um grande desejo de conhecer o propósito da vida.”

“Os missionários eram diferentes de outros jovens que

conhecíamos”, comenta Alexandra. “Fiquei impressionada porque eles tinham metas na vida e demonstravam confiança. As escrituras orientavam-nos. Eles tinham alguém a quem recorrer. Há muitos jovens que amorte-cem seus sentidos com a bebida e que não têm propósito na vida.”

Embora os pais se julgassem ocupados demais para receber as palestras na época, José e Alexandra continuaram. Na terceira palestra e depois de irem à igreja algumas vezes, sabiam que a Igreja era verdadeira e queriam ser batizados.

“Na primeira vez que fomos à igreja, sentimos que havia algo maravilhoso lá”, diz Alexandra. “Estávamos no mês de abril e o sol brilhava através das janelas. Todos eram cordiais e calorosos. Quando íamos a outras igrejas, encontrávamos pessoas frias e distantes. Sentimos o espírito na igreja e sabíamos que tínhamos de voltar.”

Quando José e Alexandra pediram permissão para serem batizados, seus pais ficaram surpresos que os filhos estivessem seguros de alguma coisa em tão pouco tempo. Eles compreendiam, porém, que a Igreja ensinava bons princípios e bons padrões morais, as mesmas coisas que tentavam ensinar-lhes em casa. Deram a permissão e José e Alexandra tornaram-se o 13º e 14º membros do ramo.

“Nossos pais foram a nosso batismo”, diz José. “Foi numa piscina. Ouvia-se o barulho dos pássaros e dos grilos como música de fundo. O Espírito era muito forte e nossos pais ficaram interessados. No dia seguinte, na reunião sacramental, pediram-nos que prestássemos testemunho. Papai teve que trabalhar, mas mamãe estava presente.”

José e Alexandra logo se tornaram membros ativos e dinâmicos. Ambos tocam instrumentos musicais, flauta doce e violão; adoram cantar hinos e músicas folclóricas.

**Quando convidaram os missionários para almoçar, os Szamosfalvis não perceberam que eles é que seriam alimentados. A alegria resultante da obediência ao evangelho de Jesus Cristo está agora estampada em seu rosto.**

# DE JOSÉ

No ramo, seu amor pela música é contagiante, assim como o é seu amor pelo evangelho. Eles freqüentemente ajudam os missionários e são de grande auxílio na integração de pesquisadores. Interessaram-se, especialmente, por seus pais.

“Falávamos a respeito de nossas atividades na Igreja

com nossos pais na hora do jantar”, diz José. “Nós os convidávamos para irem à igreja conosco e eles sempre aceitavam o convite.”

Foi apenas uma questão de tempo para que os pais se batizassem — tendo o batismo sido realizado pelo filho, naturalmente. Sua vida mudou radicalmente quando se



tornaram membros da Igreja. O pai não somente trocou de emprego para poder ir à igreja aos domingos, mas também vendeu o vinhedo e o bar da família. A família sentiu que o Senhor lhes abria todas as portas e aguardavam ansiosamente um belo futuro.

José planeja estudar economia na faculdade e gostaria também de servir como missionário, para depois voltar a Miskolc e trabalhar para o progresso da Igreja lá. “Fico feliz por ter conhecido o evangelho ainda tão jovem”, diz ele, “antes que tivesse a oportunidade de tornar-me mais

‘do mundo’”. A escritura de que mais gosta atualmente é “Oh! lembra-te, meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua mocidade a guardar os mandamentos de Deus!” (Alma 37:35)

Alexandra estuda economia na universidade local e é a presidente das Moças do ramo. Ela fala um pouco de inglês e despende um bom tempo traduzindo os manuais da Igreja para outros membros da ala, o que exige muitas consultas ao dicionário. No entanto, Alexandra não se importa e diz que isso a está ajudando a melhorar seu inglês.

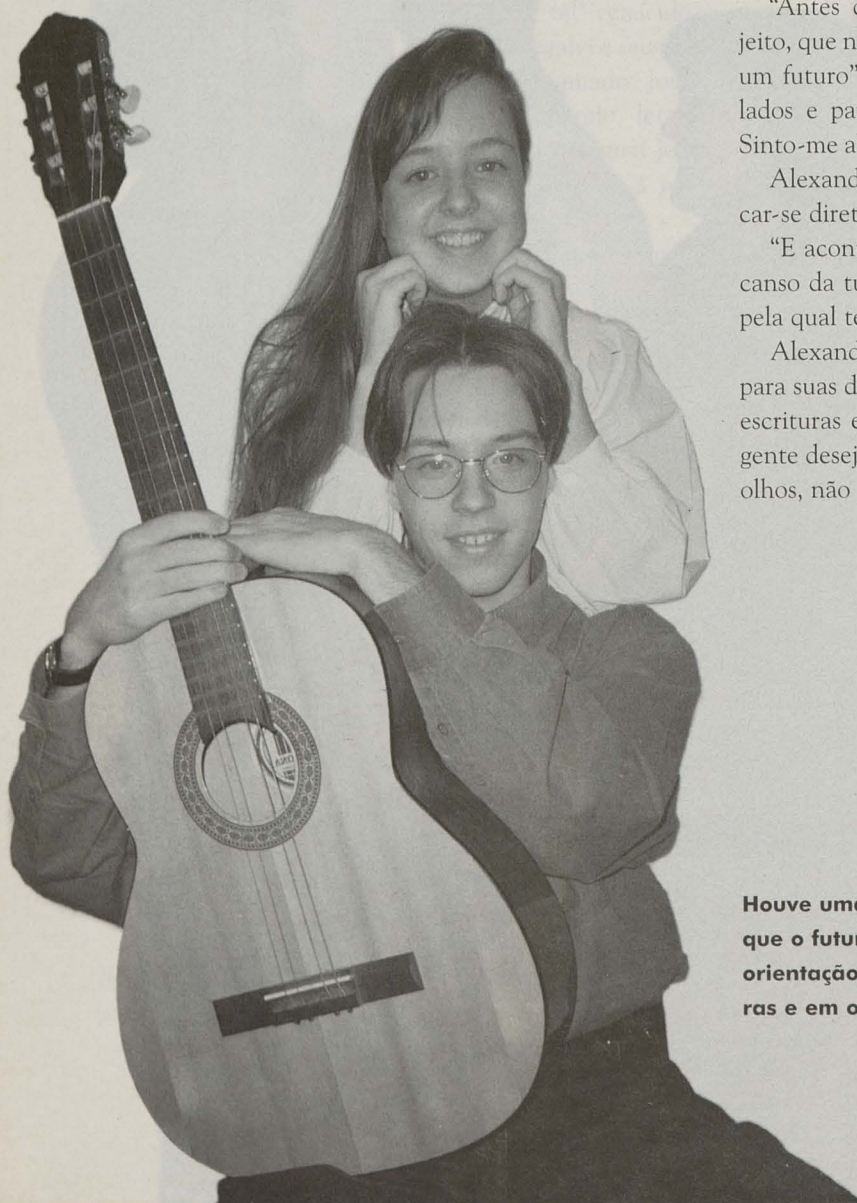
“Antes de conhecer a Igreja, sentia que não havia jeito, que não adiantava tentar obter sucesso ou construir um futuro”, diz Alexandra. “Havia guerra por todos os lados e parecia que o mundo acabaria em catástrofe. Sinto-me aliviada por ter-me tornado membro da Igreja.”

Alexandra encontrou uma escritura que parece aplicar-se diretamente a ela e que se tornou sua favorita:

“E acontecerá que naquele dia o Senhor te dará descanso da tua tristeza e do teu temor e da dura servidão pela qual te fizeram servir.” (2 Néfi 24:3)

Alexandra e José encontraram orientação e respostas para suas dúvidas a respeito da vida quando buscaram as escrituras e estudaram o evangelho. Isso faz com que a gente deseje abrir as escrituras e ver quais nos saltam aos olhos, não faz? □

**Houve uma época em que Alexandra e José achavam que o futuro parecia sombrio. Agora, encontraram orientação e respostas para suas dúvidas nas escrituras e em outros ensinamentos da Igreja.**





Alexandra e José —  
numa atividade com  
outros jovens que vêm  
ouvindo e aceitando a  
mensagem do evangelho  
na Hungria.

# MEDIDAS

Lloyd Newell

ILUSTRADO POR GREG NEWBOLD

**T**odos os anos, na época de nosso aniversário, meu pai levava-nos até o porão e marcava nossa altura numa das paredes. Esse ritual era importante, especialmente para mim e meus irmãos. Lembro-me de que endireitava o corpo, erguia a cabeça o mais que podia e até prendia a respiração para ficar o mais alto possível. Quando percebia que meu pai havia tirado o lápis da parede, virava-me para examinar o quanto havia crescido durante aquele ano.

Em alguns anos, ficava desapontado ao ver como a nova marcação estava próxima da marca do ano anterior e como ainda estava longe das de meus irmãos mais velhos. Havia, porém, algumas vezes em que me sentia tão alto a ponto de ter a impressão de haver um caçador de talentos de basquetebol no andar de cima, esperando por mim.

O que me lembro com mais clareza, entretanto, é a constância dos comentários de meu pai, constância essa que me permitia prever o que ele diria. Quer eu tivesse crescido muito ou pouco, ele sorria do mesmo modo, abraçava-me e dizia: "Filho, tenho orgulho de você".

Na época, ficava imaginando por que ele não se mostrava mais exultante quando eu ultrapassava minha marca até as dos outros, ou mais decepcionado quando eu ainda me mantinha muito próximo das marcas dos anos anteriores. Atualmente, porém, percebo que meu pai conhecia as flutuações da vida e também o valor imutável de seus filhos.

Não lhe importava que eu estivesse mais alto ou mais baixo que os outros. Ele amava-me só porque eu era seu filho, e ele, meu pai. Penso, às vezes, se meu pai não

tirava nossa medida todos os anos só para sabermos que — a despeito de nossa altura — ele orgulhava-se de nosso crescimento do mesmo modo. Meu pai conhecia os perigos de nos compararmos com outros. Ele sabia que, quando comparamos nosso crescimento com o de outras pessoas, nos imaginamos ser melhores ou inferiores a elas e ambas as atitudes são igualmente erradas. Meu pai ensinou-me que, quando refletimos, ponderamos e oramos, vemo-nos de maneira mais semelhante à que o Pai Celestial nos vê.

Acho que quando meu pai tirava nossa medida, ele estava tentando fazer que refletíssemos sobre nossa posição — não somente a física, mas também a espiritual, em relação ao Pai Celestial. Ter crescido significava muito mais para ele do que a simples estatura física.

Minha ida anual ao porão ajudava-me a perceber o amor que meu pai tinha por mim. Do mesmo modo, tirar um momento para, em oração, avaliar nosso crescimento espiritual irá ajudar-nos a sentir o perfeito amor que Deus tem por nós. Ao crescermos espiritualmente, durante nossa vida, podemos ter certeza de que o Pai, infinitamente terno, fica orgulhoso de todo progresso que fazemos, por menor que seja. Ele sabe de nosso valor, e Seu amor é imutável e eterno. □





ILUSTRADO POR TYLER WBBERT

# ESCRITURA RESPLANDECENTE

Lela Bartlett Coons

Uma das lembranças mais antigas que tenho é da aula da Escola Dominical no subsolo da velha capela de nossa ala. Lembro-me de um dia ver algumas partículas de pó flutuando nos raios de sol, enquanto o professor lia para nós a história de Joseph Smith orando no bosque e de como o Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram diante dele. Ainda me lembro da sensação de estar lá, olhando e escutando, cercada por pilares formados pelos raios de sol. Acima de tudo, porém, lembro-me da cálida impressão que me causou a história de Joseph Smith vendo e falando com o Pai Celestial.

Ainda naquele dia, em casa, encontrei um livro de meu pai, que se parecia com o utilizado pelo professor durante a aula. Naquela época, eu não sabia que se tratava de um exemplar da Combinação Tríplice das Escrituras. Eu não sabia ler, mas quando segurei o livro nas mãos e folheei-o, tive a mesma impressão que sentira durante a aula da Escola Dominical.

Quando fiquei mais velha e li o livro pela primeira vez, tive a mesma cálida sensação anterior. Com o passar dos anos, isso se repetiu diversas vezes — na igreja, no templo, enquanto ouvia alguém discursar e, acima de tudo, ao ler as escrituras. □



*Visão de Lei da Árvore da Vida*, 1987, de Steven Lloyd Neal  
Pendleton, Oregon, Estados Unidos; óleo sobre madeira (243 x 121 cm)

Retratando elementos da cultura mundial e de suas próprias experiências, incluindo sua missão de tempo integral no Japão, o artista ressalta a universal busca da árvore da vida. As pessoas do quadro são seus próprios familiares e amigos. Ver outras representações da visão de Lei em "A Árvore da Vida", p. 34.



“E aconteceu que vi uma árvore cujo fruto era desejável para fazer uma pessoa feliz. (. . .) E enquanto eu comia do fruto, ele encheu-me a alma de imensa alegria; portanto comecei a desejar que dele também comesse minha família; porque sabia que era mais desejável que qualquer outro fruto.” (1 Néfi 8:10, 12)  
Ver “Árvore da Vida”, p. 34.

